Burghard Baltrusch (ed.)

"O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia"

Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago



- © Series Design: X. Bieito Arias Freixedo & Gabriel Pérez Durán
- © Photographs of Casa dos Bicos/Fundação José Saramago: Burghard Baltrusch.

This edition has been funded by the GAELT research group of the University of Vigo (H012, 2010–2013).

Revision of the texts: Burghard Baltrusch & Ana Bela Almeida. Layout: Rita Bugallo.

ISBN 978-3-86596-494-6 ISSN 2194-752X

© Frank & Timme GmbH Verlag für wissenschaftliche Literatur Berlin 2014. Alle Rechte vorbehalten.

Das Werk einschließlich aller Teile ist urheberrechtlich geschützt. Jede Verwertung außerhalb der engen Grenzen des Urheberrechtsgesetzes ist ohne Zustimmung des Verlags unzulässig und strafbar. Das gilt insbesondere für Vervielfältigungen, Übersetzungen, Mikroverfilmungen und die Einspeicherung und Verarbeitung in elektronischen Systemen.

Herstellung durch das atelier eilenberger, Taucha bei Leipzig. Printed in Germany. Gedruckt auf säurefreiem, alterungsbeständigem Papier.

www.frank-timme.de

Indice

"O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia" – sobre utopia e ficção em José Saramago	
Burghard Baltrusch	9
Apresentação dos estudos	19
Utopia e ficção em José Saramago	29
José Saramago: da realidade à utopia. O Homem como lugar onde Ana Paula Arnaut	31
A nova Mensagem do trans-iberismo – sobre alguns aspectos utópicos e metanarrativos no discurso saramaguiano Burghard Baltrusch	53
Tradução e utopia pós-colonial – a intervenção <i>invisível</i> de Saramago Ana Paula Ferreira	73
José Saramago e a iberização do português. Um estudo histórico Fernando Venâncio	95
Memorial do Convento de José Saramago: crítica e utopia no uso da técnica da enumeração José Cândido de Oliveira Martins	127
Mulher e utopia em José Saramago – a representação da Blimunda em <i>Memorial do Convento</i>	1.5.5
Burghard Baltrusch	155

Índice temático-onomástico	305
Bibliografia	285
Autoras e autores	279
Nationale und koloniale Identitäten im historischen Roman: José Saramagos <i>A Viagem do Elefante</i> Verena-Cathrin Bauer	263
"Vale mais ser romancista, ficcionista, mentiroso" – realidade e ficção no romance <i>A Viagem do Elefante</i> de José Saramago Yvonne Hendrich	241
Sobre a convergência do espaço literário, cultural e político como questionador de uma identidade social em José Saramago Raquel Baltazar	227
José Saramago: "Cadeira" ou a queda de Salazar Isabel Araújo Branco	217
O labirinto da memória: a Guerra Civil de Espanha em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i> Ângela Maria Pereira Nunes	197
O Conto da Ilha Desconhecida – possibilidades imaginárias Rosângela Divina Santos Moraes da Silva	181

José Saramago e a iberização do português. Um estudo histórico

Fernando Venâncio

I

Um dia, o ensaísta António José Saraiva descreveu a arte da escrita de António Vieira do modo seguinte:

Qualquer leitor de Vieira admira o relevo, a clareza da escolha e a tensão que sabe dar às palavras, quase a cada palavra. Não há nele palavras átonas, indiferentes, lânguidas. Cada uma parece ocupar o lugar que lhe está destinado, como em estado de alerta. (Saraiva 1996: 9)

Este retrato linguístico não individualiza, decerto, António Vieira, já que é válido para todo o grande prosador, em qualquer idioma. No século XX português, o mesmo diagnóstico serviria a Miguel Torga, a José Cardoso Pires, a Mário de Carvalho. Mas tem de dizer-se que alguns elementos do retrato definem agudamente a experiência de quem lê Vieira: o relevo de cada palavra, a tensão entre elas, o estado de alerta em que parecem estar.

Esta lição de escrita foi bem aprendida por José Saramago. Ao lêlo, a experiência do relevo, da tensão, do estado de alerta, repete-se de contínuo. Há, neste tipo de escrita, um transparente avaliar da adequação

e da oportunidade para cada vocábulo, um cálculo milimétrico dos efeitos, enfim, um infindável desassossego. Ler por alto, para apreender sem grandes esforços o conteúdo, não funciona num autor assim. Ou se entra no jogo da tensão e do alerta, ou não vale a pena lê-lo.

Que o prosador Saramago aprendeu este tipo de preocupações e conseguimentos com a leitura de Vieira está longe de ser especulativo. Uma análise, mesmo que superficial, da escrita de um e de outro permitirá concluí-lo. Mas o próprio Saramago nos facilitou a tarefa. Já em 1983 afirmava, numa entrevista: "António Vieira é uma dívida que reivindico. [...] sei que, profundamente, é o verbo vieiriano que vai ressoando no meu cérebro enquanto escrevo" (in Gómez Aguilera 2010: 231). Não é, como veremos, a única dívida que Saramago reivindica. Também a Garrett e a Cervantes se declara empenhado devedor. Mas são nítidas a frequência e a intensidade das suas referências a António Vieira.

Em 1996, diz que tem com o prosador seiscentista "uma relação de linguagem", e que essa escrita no "limiar do inefável" exerce nele "uma espécie de atracção" (Baptista-Bastos 1996: 38). Concede, ainda assim, que Vieira "se perde, muitas vezes, em conceptismos e ocultismos um tanto exasperantes" (*ibid.*). E seja-nos permitido lembrar que, para alguns leitores de Saramago, esta última caracterização serviria perfeitamente ao romancista. Pouco mais tarde, em 1998, afirmaria que Vieira "é, e continua a ser, um mestre". E ainda: "As estruturas da minha narrativa têm muito a ver com esse fluxo narrativo que é o da prosa do padre António Vieira", nos *Sermões*, mas não menos nas *Cartas*. É que "nas *Cartas* talvez seja mais visível ainda essa relação, porque a carta é mais oral" (Saramago & Viegas 2010: 41). Anote-se, de passagem, que os sermões vieirianos estão efectivamente longe de uma oralidade. Vieira redigiu-os à mesa de trabalho, dezenas de anos depois de, com base em anotações, os ter pronunciado de improviso. Por fim, e a um ano de falecer, Saramago escreveu ainda:

Isto a que chamam o meu estilo assenta na grande admiração e respeito que tenho pela língua que foi falada em Portugal nos séculos XVI e XVII. Abrimos os *Sermões* do Padre António Vieira e verificamos que há em tudo o que escreveu uma língua cheia de sabor e de ritmo, como se isso não fosse exterior à língua, mas lhe fosse intrínseco. (Saramago 2009c: 43)¹

¹ Um sólido estudo sobre a presença de Vieira na escrita de Saramago foi feito por Patrícia

Esta proximidade, assumida e sublinhada, é tanto mais curiosa quanto também os percursos do civil António Vieira e do civil José Saramago apresentam paralelos deveras impressionantes. Ambos foram cidadãos interventivos, infatigáveis até ao fim das suas longas vidas (morreram os dois com quase 90 anos): Vieira com os seus sermões, que eram, não raro, ensaios políticos disfarçados de oratória sacra, e Saramago com as suas crónicas em jornais e outras tomadas de posição pública. Em ambos a intervenção política chegou a ser directa: Vieira foi, durante largo tempo, o principal conselheiro do rei, Saramago foi presidente da Assembleia Municipal de Lisboa. Ambos tiveram, também, sérios enfrentamentos com o poder estabelecido, indo mesmo ao abandono do país. Ambos foram convictos visionários iberistas, perseguindo uma 'utopia ibérica': Vieira conspirando para uma nova união das coroas, mas desta vez com capital em Lisboa, Saramago profetizando uma integração de Portugal em Espanha. Ambos foram, na cultura do seu tempo, o português internacionalmente mais conhecido. Acrescente-se que ambos tiveram honras fúnebres de Estado. Sabe-se, ainda, que Saramago se propunha escrever, um dia, uma "biografia romanceada" do padre António Vieira (Lopes 2011: 92).

As outras duas 'dívidas' declaradas do prosador Saramago foram, já o dissemos, Almeida Garrett e Miguel de Cervantes. Numa entrevista de 1989, declarou ele: "Tenho uma tendência digressiva, que tem exemplo na nossa literatura e o melhor é o do Almeida Garrett" (in Gómez Aguilera 2010: 153). Em 2003, também numa entrevista, esclarecia:

Sou incapaz de narrar uma coisa em linha recta. Não quer dizer que me perca no caminho: quando encontro um desvio, entro por ele e depois volto por onde ia. Se houver um antepassado directo meu na literatura portuguesa, esse é um poeta, dramaturgo e romancista do século XIX que se chamou Almeida Garrett. O meu gosto pela digressão recebi-o desse autor. (in Gómez Aguilera 2010: 157)

E, por fim, em 2008, igualmente entrevistado, diz:

Nos últimos tempos cheguei a uma conclusão — que eu não tinha reconhecido como tal —, de que, no fundo, a grande influência literária na minha pessoa, na minha maneira de

escrever, na minha maneira de encarar a questão do relato, da narração, foi o Almeida Garrett. Tornou-se-me claro, evidente, luminoso, nos últimos tempos. (in Gómez Aguilera 2010: 157)

Isto poderia provocar alguma perplexidade. Afinal, a «grande influência» foi Garrett ou foi Vieira? É preciso dizer (e eu tenho alguma experiência de entrevistador) que a situação de entrevista produz habitualmente no entrevistado uma espécie de euforia, nascida de um processo, rápido e incontrolável, de auto-esclarecimento, de um 'pôr ordem' na vida. Daí as afirmações absolutizantes, em que não poder buscar-se, menos ainda exigir-se, coerência com produtos de situações anteriores. E, no entanto, o que vemos afirmado nesses transes de autognose é preciosíssimo para o conhecimento de um indivíduo que nos interessa. Parece claro que a 'digressão' saramaguiana deve muito a Garrett (vamos vê-lo num exemplo) e que a lição de Vieira recobre outras prestações, mais genéricas, como o 'sabor' e o 'ritmo' da linguagem, o 'fluxo narrativo', ou o 'limiar do inefável', para usar os seus termos.

E, no entanto, se algum livro o nosso escritor levaria para a proverbial ilha deserta, ou salvaria do funesto incêndio, foi escrito por Cervantes. Di-lo Saramago em 1996:

O Cervantes foi desde muito novo uma leitura minha, algumas das *Novelas Exemplares*, mas sobretudo o *D. Quixote*. Mas certas características minhas vêm daí, vêm por absorção não consciente, mas sim por indução, por penetração, não pela mente, mas pela pele. É como se, ao ler Cervantes, me desse conta de que aquilo também era meu, mas não de uma forma consciente. (Baptista-Bastos 1996: 39)

E, uns anos depois, a aludida formulação apocalíptica: "O *Quixote* é o tal livro que se leva para a ilha deserta, o tal livro que se salvaria do incêndio de todos os livros, pelo menos é o livro que eu salvaria" (Saramago & Viegas 2010: 39). A 'utopia linguística ibérica' que já referi (e de que ainda nos ocuparemos) tem raízes vieirianas, decerto. Mas o contacto directo com o castelhano de Cervantes teve de ser também decisivo, um contacto, como se vê, tão peculiar e de tão longa data. É nessa contiguidade com a lição de Vieira, e com o idioma espanhol, que José Saramago se inscreve na nossa história cultural, e particularmente linguística. Mas comecemos por Almeida Garrett.

A arte da digressão, sugere Saramago, aprendeu-a ele no Garrett das *Viagens na minha terra*, de 1846. Há todos os motivos para crê-lo. Garrett foi o grande renovador da prosa portuguesa de Oitocentos. A sua escrita folhetinística (que é a das *Viagens*) enfeitiçou os contemporâneos — Lopes de Mendonça, Latino Coelho — e influiu, pouco depois, também Júlio César Machado e Eça de Queirós. Vejamos um trecho:

Frades... Frades... Eu não gosto de frades. Como nós os vimos ainda os deste século, como nós os entendemos hoje, não gosto deles, não os quero para nada, moral e socialmente falando. No ponto de vista artístico, porém, o frade faz muita falta. (Garrett 1966: 61)

É um exemplo de 'digressão', e um bom exemplo. Quase não há subordinação, o pensamento flui espontâneo, há mesmo um minúsculo anacoluto ("Como nós **os** vimos ainda **os** deste século"), há um contraste inesperado ("o frade faz muita falta"). Estamos longe, muito longe, do hieratismo clássico, do famigerado 'arredondamento do período'. Era uma estética inédita em Portugal e que será contraposta à estética tradicional, tida por pesadona, sem brilho, fradesca, à imitação, segundo Antero de Quental, das "algaravias místicas de frades estonteados" (1865).

Em Saramago, este movimento fluido, sem um final definido, é recorrente, mas o mais acabado exemplo de digressão pode ter ficado já em 1978, em *Objecto Quase*. É o início do conto «Refluxo». Há uma sucessão de perspectivas, de que aqui se destacam as 'articulações'.

Primeiramente, **pois** tudo precisa de ter um princípio, **mesmo** sendo esse princípio aquele ponto de fim que dele se não pode separar, e dizer «não pode» **não é** dizer «não quer» ou «não deve», é o estreme não poder, **porque** se tal separação se pudesse, é sabido que todo o universo desabaria, **porquanto** o universo é uma construção frágil **que** não aguentaria soluções de continuidade – primeiramente foram abertos quatro caminhos.²

Observamos uma progressão no pensamento (é difícil chamar-lhe 'raciocínio'), procedendo por acumulação, uma acumulação indefinida, em que cada nova perspectiva poderá nunca ser a última.

² Nas citações, os negritos e cursivos são meus.

A digressão é, em Saramago, uma técnica recorrente, sim, mas não a dominante. Dir-se-ia que antes nele predomina a feitura tradicional, aquela que poderia apelidar-se de 'seiscentista', e mais exactamente vieiriana. Ou, com menos cerimónia, a tal 'algaravia' dos 'frades estonteados', próxima daquilo a que José Cardoso Pires chamou "sintaxe rural", contraposta à "sintaxe urbana" (Pires & Silva 1997). É um tema a que regressaremos.

Predominam, pois, as marcas da estética seiscentista, a de António Vieira, a de Manuel Bernardes: a complexidade sintáctica e mental, os jogos da subtileza e do paradoxo. Isto produz, em Saramago, como produzira em Vieira, passagens fulgurantes, de uma frescura e uma novidade que fascinam. Observemos três pequenos trechos, respigados em *Todos os Nomes*, de 1997, de propósito, fora do círculo dos 'grandes' romances saramaguianos:

Quanto aos pensamentos metafísicos, meu caro senhor, permitame que lhe diga que qualquer cabeça é capaz de os produzir, o que muitas vezes não consegue é encontrar as palavras.

Seria o cabo dos trabalhos dar com a desorientada ficha para nela inscrever qualquer dos averbamentos ocorrentes e comuns, o de casamento, o de divórcio, o de morte, *dois mais ou menos evitáveis, o outro nunca*.

Homem, não tenhas medo, a escuridão em que estás metido aqui não é maior do que a que existe dentro do teu corpo, *são duas escuridões separadas por uma pele*, aposto que nunca tinhas pensado nisto.

Predomina, também, uma gramática classicizante, de morfologia e sintaxe próprias, isto é, hoje com menos uso. Nas seguintes passagens, essa morfologia é destacada em negrita, a sintaxe em itálico:

E talvez não tenha sido assim, talvez numa noite qualquer destas Faustina tivesse dito a João Mau-Tempo, **porventura** *o interrompendo em seus pensamentos* de pôr amanhã papéis no buraco duma árvore combinada, [...].

Neste caso da História do Cerco de Lisboa, *já sabe Romeu* que não encontrará motivos bastantes de embevecimento, embora Raimundo Silva, na conversação preambular e **algo** labiríntica sobre as emendas dos erros e os erros das emendas, tenha dito ao autor que gostava do livro, e, de facto, não mentiu.

Tivessem eles executado as ameaças, e mais injustiças viriam agravar a situação, **acaso** com consequências dramáticas imediatas, **porquanto** duas das camaratas, para ocultarem o delito de retenção de que eram culpadas, se apresentaram em nome de outras, [...].

O coche arquiducal está por aí **algures**, mas não se vislumbra nem o rasto dele, e da galera das forragens, que deve vir atrás, **tão-pouco** há notícias.

A feição 'seiscentista' dessa morfologia pode ser ilustrada em passagens de autores do período. Observemos os casos de *porventura* e *porquanto*:

Não há no homem afeição mais desculpável que a da pátria. Assi ela a soubesse pagar! Se não foi *porventura* providência.

Francisco Manuel de Melo

Entre as tentações de França acerca de nossas conquistas, ouvi dizer em Lisboa e aqui que não deixa de ser uma, e *porventura* a principal, o Rio de Janeiro, ajudando-se a ambição uma espécie de justiça.

António Vieira

Se pudera aqui dizer com o Apóstolo: *Porventura* não tendes casa onde comais e bebais, e vindes desprezar a igreja?

Manuel Bernardes

Confesso-vos que me deu riso, sobre indignação, quando li nesse tempo a cédula real, donde se manifestavam as razões de sua conveniência, tomando-se, entre os mais, por principal motivo que, *porquanto* Sua Majestade desejava atalhar os vícios e fraudes que nas escrituras se faziam, mandava interpor aquele papel público, a fim de evitar conluios e desconcertos.

Francisco Manuel de Melo

No Brasil se tem feito um catecismo da língua da terra, que, por ser muito largo nos pareceu se devia reduzir a menos perguntas, *porquanto* os índios desta terra não estão ainda capazes de tanto, nem nós podemos ter com eles a assistência que se requer para tão dilatado modo de doutrina.

António Vieira

São Pedro Maurício [...] ordena que o monge que tiver a seu cargo tirar vinho para as missas da noite de Natal tire um pouco de cada tonel ou vasilha de todas as que estiverem na adega, *porquanto* diz que há experiência certa de que a vasilha donde se tirou o vinho para as missas daquela felicíssima noite não se turba nem esfria nem azeda.

Manuel Bernardes

São essas e outras marcas 'classicizantes' frequentes em Saramago? Algumas são-no, tanto em frequência absoluta (ou seja, no contexto do vocabulário do romancista) como em frequência relativa (isto é, numa comparação com escritores contemporâneos). Abaixo vão alistados alguns *pronomes*, *advérbios* e *conjunções* de restrito uso na escrita contemporânea. Indicase o número de ocorrências na obra ficcional de Saramago. Em itálico, para dois casos, mencionam-se as ocorrências num conjunto de obras de ficção portuguesa do século XX, segundo o *Corpus do Português* de Mark Davies e Michael Ferreira (s.d.). Este *corpus* está longe de reunir a nossa actual produção novelística, mas permite detectar peculiaridades, neste caso saramaguianas:

Pronomes, advérbios e conjunções	Obra ficcional JS	Corpus do Português
porventura	111	263
porquanto	100	172
consoante <i>adv</i> .	77	
acaso <i>adv</i> .	70	
tão-pouco	36	
algo adv.	21	_
algures	_	11
adrede	_	6

doravante	6	_
tão-só	6	_
ademais	5	_
avonde	-	5
malamente	5	_
outrem	-	5
tirante <i>adv</i> .	5	_
aqueloutro	4	_
outrossim	3	
deveras	2	_
debalde	1	

Constata-se uma superabundância de formas como *porventura*, *porquanto*, *tão-pouco* e dos advérbios *consoante* (conforme), *acaso* (talvez) e *algo* (em algum grau). Das restantes frequências, algumas são ainda notórias: os casos de *adrede*, *avonde*, *malamente* e *tirante*. Mas, em contrapartida, é notória a infrequência de outras formas, com destaque para *doravante*, *tão-só* e *deveras*. Voltaremos a algumas destas frequências num outro contexto.

Serão estas marcas lexicais e gramaticais suficientes para fazer de Saramago um 'seiscentista' que se enganou de século? Numa apreciação superficial, seríamos tentados a afirmá-lo. A realidade é que Saramago não 'faz' seiscentismo, não 'faz' anacronismo. Constrói, sim, uma sugestão classicizante. É um seiscentismo ritualizado.

Para tornar-nos isso claro, concebeu José Saramago um estratagema. Em *História do Cerco de Lisboa*, põe em cena dois textos seiscentistas autênticos, decerto esperando que o discernimento do leitor faça o resto. É como se o escritor dissesse (e imito a linguagem despachada que, nesse romance, ele pôs na boca de Afonso Henriques): "Vocês chamam-me seiscentista, mas estão bem enganados. E para mostrar-vos isso, aqui deixo uns textos em autêntico seiscentista, e vocês vão comparar".

Há, primeiro, uma longa citação da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Frei António Brandão, de 1632, integrada na sua célebre *Monarquia Lusitana*. Numa passagem aqui reproduzida, destacam-se arcaísmos (em itálico) e anacolutos (em negrito):

Estando o infante neste alegre sonho, nem bem dormindo, nem de todo acordado, entrou na tenda João Fernandes de Sousa, *de sua* câmara, e lhe *fez a saber* como a ela chegara um homem velho, o qual pedia audiência e, segundo dava a entender, **era** sobre negócio de muita importância. Mandou o infante que entrasse sendo cristão e, *tanto que* o viu, reconheceu ser o mesmo que acabava de ver em sonhos, **com que** ficou sumamente consolado.

Um segundo texto, depois, é aduzido. Trata-se de uma biografia de Santo António de Lisboa, *Sol nascido ao Ocidente e posto ao nascer do sol*, de Brás Luís de Abreu, saída em 1725. Aqui destacamos (em cursivo), primeiro, uma sintaxe ousada e, em seguida, um caso de redundância:

Não se descuidavam aqueles pássaros de mau agouro, que vivendo na funesta noute dos seus erros só rendem sua altivez obstinada às armas da luz, de maquinar contra a sua vida venenos disfarçados, contra a sua honra diabólicos artifícios, contra a sua reputação infernais inventos, solicitando, quanto o podiam alcançar as forças da sua malícia, desacreditar e obscurecer as luzes de tanta doutrina, os troféus de tamanha santidade.

Saramago não o explicita em lado nenhum, mas percebe-se-lhe o intuito de forçar a uma comparação entre a sua cuidadíssima prosa e o desleixo dos dois textos que nela inseriu. Mas não era tudo ainda. O protagonista Raimundo Silva, sabemo-lo, está a redigir uma "História do Cerco de Lisboa", mas só no fim do romance (1989a: 331 e seguintes), temos acesso a esse texto. Reproduzo uma passagem, destacando os lugares-comuns em que a escrita do protagonista abunda. Assinale-se, ainda, o arcaísmo *moimento* para 'monumento fúnebre':

Voltara frei Rogeiro a *dormir a sono solto*, sonhando que alguma comida avariada lhe causara aquele molesto sonho, quando tornou a entrar o cavaleiro, outra vez o sacudiu e despertou, e disse, Não durmas, frade, que eu ordenei-te que fosses buscar o meu escudeiro à cova onde jaz longe de mim, e tu bem me ouviste e não fizeste caso [...] Aonde terá ido frei Rogeiro buscar as forças necessárias ao *hercúleo trabalho* que lhe tinha sido assinado, não se sabe, presumindo-se que ao próprio medo que sentia, mas em pouco tempo abriu a sepultura e retirou o

escudeiro, que às costas transportou para o barco, e, *alagado em suores* frios e quentes, regressou ao ponto de partida, acarretou o *tremendo peso* pela encosta acima até S. Vicente, e ao lado do moimento do cavaleiro fez nova cova e nova sepultura.

A ocorrência desse arcaísmo dá-nos azo para o comentar de uma afirmação de José Saramago a respeito desses vocábulos caídos em desuso. Numa entrevista de 1986 (e destacamos alguns dos termos), disse ele: "Utilizo muitas vezes os arcaísmos para acentuar o *humor* ou a *ironia*. Não o faço como quem cultiva arcaísmos, mas como quem pretende — e peço desculpa se não corresponder — *rejuvenescer* a língua" (in Gómez Aguilera 2010: 151). São afirmações, estas, em si interessantes, mas que não primam pela coerência. Em entrevistas, é certo, alguma incoerência não é coisa rara. Mas, que se saiba, é a única vez que Saramago aborda o tema, o que torna, à falta de melhor, esta passagem preciosa.

Os arcaísmos serviriam, para Saramago, dois propósitos: sublinhar o 'humor' ou a 'ironia', e 'rejuvenescer' a língua. São propósitos muito díspares, e, na realidade, mutuamente excludentes. Um arcaísmo que transporta humor ou ironia é, por definição, um arcaísmo de circulação necessariamente restrita, pois ele funciona com base num desuso. Um arcaísmo com que se quisesse 'rejuvenescer' o idioma aspiraria, pelo contrário, a um alargamento da circulação. Estamos, pois, perante conjuntos distintos, e irredutíveis.

Mas o projecto é, se possível, ainda mais inglório. Não só não se detectam (eu não detectei) usos humorísticos ou irónicos de arcaísmos em Saramago, como os arcaísmos são nele, em termos absolutos, quase inexistentes. Uma das características de Saramago é, exactamente, a actualidade do seu vocabulário. E, na realidade, só consegui encontrar um arcaísmo que merecesse alguma atenção: *malamente*.

Esta palavra aparece 5 vezes na obra novelística de Saramago. No nosso idioma, o último registo do vocábulo datava de 1505, há portanto meio milénio. Poderia supor-se que, lido agora em Saramago, o vocábulo reentrasse em uso. Mas a probabilidade disso é mínima. E a razão está na indefinição em que a palavra é deixada. Essa 'indefinição' resulta, para sermos exactos, de uma demasia de significados.

[...] águas abundantes que em menos de um minuto fizeram desaparecer da face da terra, literalmente, o artificioso líquido *malamente* denominado Fonte de Juventa.

História do Cerco de Lisboa

[...] sem dúvida demandareis a pátria dos mouros que sois e donde *malamente* viestes, deixando-nos o que nosso é [...].

História do Cerco de Lisboa

[...] uma horda de palhaços e mandarins, de bobos e enfermeiras, de esquimós e assírios de barbas, todos *malamente* disfarçados de peles-vermelhas.

A Caverna

[...] na formulação das quais [leis] não metemos mais prego e mais estopa que as palavras com que *malamente* as nomeamos, [...].

Ensaio sobre a Lucidez

[...] do ministério, ou, para falar com precisão, do ministro do interior, logo *malamente* atirado para as pacientes costas da direcção da polícia, [...].

Ensaio sobre a Lucidez

Como se observa, o vocábulo surge com valores díspares: ora o de *erradamente*, ora o de *desajeitadamente*, ora o de qualquer coisa como *perfidamente*. Esses valores não são só díspares, eles são-no, como se disse, demasiado. Isto basta para não augurar grandes êxitos a um regresso de *malamente*.

Mais genericamente, a toada saramaguiana — tanto parece claro — propõe-se recuperar uma estética velha de séculos, e isto sem incorrer naquilo que ela tinha de mais frágil: uma prosa desconexa, deslavada, sem frescura nem brilho. Pode ser uma estética para o nosso tempo. E é-o, de certeza, haja vista os altos conseguimentos do ficcionista Saramago. Mas não é a estética do nosso tempo. Isto coloca a escrita saramaguiana no âmbito da "sintaxe rural" e longe dessa feitura que o século XX criou, designada como "sintaxe citadina". Estou, manifestamente, a servir-me de uma perspectiva e uma terminologia divulgadas por José Cardoso Pires (cf. Portela 1991: passim).

Vimos, há pouco, os impressionantes paralelos entre a personalidade civil de Saramago e a de Vieira. O paralelismo de Saramago com Cardoso Pires é igualmente notável. Comecemos pelo mais óbvio: Cardoso Pires e Saramago foram os dois maiores artistas da palavra na literatura portuguesa do seu tempo. Foram prosadores de uma inventividade, um virtuosismo e uma ductilidade únicos. Na minha opinião, dois verdadeiros génios. Ambos foram cidadãos interventivos, associaram-se a causas, assumiram riscos. No campo literário, foram romancistas, cronistas, ensaístas. Ambos desenvolveram actividade editorial, fizeram crítica de literatura, foram empenhados jornalistas. Ambos se auto-exilaram por razões políticas: Pires por uns anos, Saramago definitivamente.

E, no entanto, vivendo e escrevendo durante décadas na mesma cidade, Lisboa, não se lhes conhece qualquer cumplicidade pessoal ou sequer profissional. Habitaram mundos literários e estéticos pouco comunicáveis, até do ponto de vista da sociabilidade. Cardoso Pires movia-se, e pontificava, na elite literária. Fundou e dirigiu uma revista cultural de vanguarda, *Almanaque*, e um suplemento literário, *A Mosca*, igualmente 'último grito'. Era íntimo de neo-realistas e surrealistas. As suas cumplicidades literárias incluíam Alexandre O'Neill, Fernando Assis Pacheco, José Cutileiro, Sttau Monteiro, Vasco Pulido Valente e, em fase posterior, António Tabucchi e António Lobo Antunes. Em suma, a fina-flor do Chiado e o *bas-fonds* do Cais do Sodré. Nada disto coube a Saramago. Nunca esteve em nenhum 'clube', mesmo informal. Os seus amigos escritores, sempre poucos, nunca pertenceram à 'elite', e os mais confidentes deles, Rodrigues Miguéis e Jorge de Sena, tinham-se fixado no estrangeiro. Portas adentro, Saramago foi, autenticamente, um corredor solitário.

As relações pessoais entre escritores podem ter menos importância para a literatura (na acepção diáfana, laboratorial, do termo), mas têmna, certamente, para a história literária. O conhecimento das apreciações mútuas de autores contemporâneos pode iluminar factos e posições que os textos não reflectiram. Por isso nunca parámos de investigar as relações de Eça e Camilo. Por isso tem tanto interesse conhecer o que pensavam um do outro António Vieira e Francisco Manuel de Melo (cf. M. L. Pires 2008).³

³ Tive oportunidade de reconstituir as relações de Castilho e Herculano pelos anos de 1840 e, com isso, obter um entendimento mais exacto, suponho, da Questão Coimbrã, ocorrida na década de 60.

O nosso escasso conhecimento das relações de Saramago e Cardoso Pires, afinal tão mais próximos de nós, tem provavelmente uma razão algo decepcionante: essas relações praticamente não existiram. Não conheço nenhuma referência de Cardoso Pires ao seu célebre colega. Não sabemos, portanto, o que pensava exactamente de Saramago. Ainda assim, alguma especulação nos é permitida. Cardoso Pires achava que a prosa portuguesa tinha, demasiado tempo, sido "submetida a uma sintaxe rural". Era uma referência, muito concreta, à obra de Miguel Torga, mas englobava bastante mais. Esse tipo de prosa foi, segundo ele, ultrapassado pela "sintaxe citadina" desenvolvida por Almada-Negreiros, autor que "tem um lugar muitíssimo importante na renovação da nossa escrita" (apud Portela 1991, 59-60). Podemos tranquilamente inferir que, para Cardoso Pires, também a prosa ficcional de Saramago se inseria nessa modalidade "rural", que, a seu ver, tinha os dias contados. E para que tudo bata certo: sabemos que Torga foi um dos raríssimos prosadores portugueses vivos (na realidade, só dois, o outro era Luiz Pacheco) por quem Saramago exprimia uma admiração rasgada.

Repare-se que Saramago tem noção nítida da novidade que a escrita de Almada constituiu. Em declarações de 2009, ouvimos-lhe isto:

Para mim, Almada Negreiros é o responsável pela segunda grande revolução estilística da nossa língua e da nossa literatura. A primeira foi a do Garrett, com as *Viagens na minha terra*, e a segunda foi a do Almada Negreiros com o *Nome de Guerra*. (in Gómez Aguilera 2010: 158)

Há aqui um incontestável reconhecimento, mas nenhuma expressão de uma dívida. Não, a frase sabiamente desleixada, reguila, 'citadina', de Almada-Negreiros não era, definitivamente, a sua praia estética.

As referências de Saramago a Cardoso Pires existem, é um facto, mas são de um jaez que diríamos sóbrio, comedido. Não são, aliás, mais que duas, distam entre si 30 anos e a segunda foi, vendo bem, provocada. Em Outubro de 1968, Saramago, então crítico literário na *Seara Nova*, faz uma recensão de *O Delfim*, romance de Pires que acaba de aparecer. Considera, "sem esforço", o livro de Pires "tecnicamente perfeito". Mais explícito, diz que "a linguagem de Cardoso Pires conserva e apura as qualidades de rigor, economia e disciplina que sempre a distinguiram" (*ibid.*). Mas há um

senão, e ele é sério. No conceito de Saramago, *O Delfim* denuncia algum fascínio, "um odor de saudade", pelo "marialvismo" (os termos hoje seriam 'sexismo', 'machismo'), o que redunda numa patente "ambiguidade", numa "relação de amor-ódio" com o fenómeno (*ibid*).

José Cardoso Pires nunca apreciou ser conotado com o marialvismo, que ele achava, de resto, tema secundarizável no romance em questão. Historiei, em dois números do *Jornal de Letras* de 1994, essa actividade crítica de Saramago, então já totalmente esquecida. Mas é para a curta memória das gentes que existem os historiadores. No atinente a essa recensão de *O Delfim*, comentei na altura:

Por uma vez com gravidade, a subtileza abandonava o crítico. Não ocorreu a Saramago que, desde a primeira à última página, *O Delfim* é o corajoso funeral do marialvismo. E que, a cada assomo da 'simpatia', da 'saudade', mais ensombrado o féretro passa. (Venâncio 2000: 45)

Não sei se Cardoso Pires reagiu em 1967, e certamente não o fez em público. Mas reagiu Saramago, em 1994, num dos *Cadernos de Lanzarote*. Chamou ao meu trabalho "arqueologia literária", o que era decerto apropriado. Sobre a sua longínqua actividade crítica, escreveu:

Apesar da minha inexperiência, e tanto quanto sou capaz de recordar, creio não haver cometido grossos erros de apreciação nem injustiças de maior tomo. Salvo o que escrevi sobre *O Delfim* do José Cardoso Pires: muitas vezes me tenho perguntado onde teria eu nesse momento a cabeça, e não encontro resposta...

Tão díspares quanto possam ser a novelística de Saramago e a de Pires, um elemento os une e, mesmo, individualiza entre os escritores contemporâneos: um e outro cultivaram, com garbo, um narrador notavelmente interventivo. Vejamos exemplos disto em Saramago:

Ópera só em Lisboa, para vir o cinema ainda faltam duzentos anos, quando houver passarolas a motor, *muito custa o tempo a passar*, [...].

Memorial do Convento

De longe em longe, a mulher-a-dias faz-lhe solene declaração sobre a necessidade de limpar o pó dos livros, que, sobretudo nas prateleiras altas, onde se arrumam os que só muito raramente são consultados, mais parece ser o depósito aluvial duma acumulação de séculos, um pó negro, como de cinza, que não se sabe donde vem, de tabaco não pode ser, que o revisor há muito que deixou de fumar, *é a poeira do tempo, e está tudo dito*.

História do Cerco de Lisboa

É esta a nossa rua, o prédio está do lado esquerdo, mais ou menos ao meio, Que número tem, perguntou a mulher do médico, ele não se lembrava, Ora esta, então não é que não me lembro, varreu-se-me da cabeça, disse, era um péssimo agoiro, se já nem sequer sabemos onde moramos, o sonho a tomar o lugar da memória, aonde iremos parar por este caminho.

Ensaio sobre a Cegueira

Em Cardoso Pires, o narrador interventivo é menos paternal, menos indulgente, e antes de tipo despachado, seco, mangão, de uma oralidade muito genuína, com investimento no discurso indirecto livre. Em *Dinossauro Excelentíssimo*, de 1972, uma magnífica sátira ao regime salazarista, achamos dois bons exemplos:

Onde se levantasse arraial, era sabido, aparecia padre.

Tudo dependia única e exclusivamente da Providência justiceira porque naquela terra a fortuna aparecia uma vez por outra, *e olha lá*, mas nunca pelo processo do suor no rosto.

De Alexandra Alpha, romance de 1987, respigam-se três exemplos.

Subiram ao miradouro de Santa Luzia. Bonito, deixemo-nos de coisas.

Ninguém diria, o Sebastião Opus Night a ir-se abaixo como um aprendiz de meias doses. *Mas ia, a verdade é para se dizer.*

Do volume de contos A república dos corvos, de 1988, mais estes cinco:

À passagem deixa cair um ou outro galanteio a esta e àquela. «Sua galdéria», «Sua aluada», mas nunca se vira para trás, é o viras.

A desfeita que a galinheira lhe fez deixou-o engalinhado, *é caso para dizer*.

Arregaçou as mangas e, vai disto, começou.

Portanto, a Travessa do Capitão tem o correr dos dias assinalado por ondas de vapor que a cegam durante momentos. *Pelo menos tinha*.

Isso não significava que se mostrasse mais acolhedor, não se pense.

O colorido das intervenções é diferente nos dois autores. Mas a 'atitude', essa *voz-off* sentenciosa e prazenteira que acompanha a narrativa, é exactamente a mesma. O narrador não abdica de um destacado papel lúdico no relato, exteriorizando-se num grau que diríamos compulsivo, roçando, não raro, o vulgar exibicionismo. Daí o risco que se corre, o de resvalar para algum maneirismo e de, mesmo renovando sempre as expressões, construir alguma previsibilidade, com perturbação do prazer da leitura.

Ш

Afirmei, há pouco, que a obra ficcional de José Saramago sugere a prossecução de uma 'utopia linguística ibérica', uma prossecução que deita raízes até António Vieira. Admito que estas afirmações são crípticas. Proponho-me, pois, esclarecê-las. Comecemos pela observação do seguinte texto:

A palavra de Deus ressuscita os mortos, regenera os vivos, cura os enfermos, conserva os sãos, alumia os cegos, acende os tíbios, farta os famintos, esforça os fracos, alegra os tristes, e anima os desesperados.

Um leitor português suspeitará tratar-se de uma passagem de algum sermão de Vieira. E compreende-se. Em português, quem senão ele se exprimiu assim, com esta imponência verbal, este gozo semântico, este cálculo, esta clareza? Mas não. O autor não é Vieira, nem sequer é de língua nativa portuguesa. Mais ainda: isto foi escrito e publicado, em Lisboa, um século antes de Vieira ter iniciado a redacção dos seus sermões.

O autor do trecho citado é Luís de Granada, o frade dominicano espanhol que em 1551 se fixou em Portugal e aí ficou até à morte, em 1588. Luís de Granada era um mestre da oratória e da prosa de espiritualidade, reconhecido e venerado no Portugal do seu tempo. Certo: ele era um dos numerosos pregadores espanhóis que, durante todo o século XVI, ressoaram pelos templos portugueses, sempre em castelhano, a língua em

que também faziam imprimir, para leitores portugueses, as suas prédicas. Luís de Granada é, neste particular, uma excepção. De resto, o texto citado figurava, não num sermão, mas num livro de espiritualidade, um *Compêndio de doutrina cristã*, publicado em 1559.

Não é, no presente contexto, importante saber se Granada escreveu, ele próprio, esse livro em português. Por mim, estou convencido de que não. O mais provável é que alguém o tenha traduzido de um original espanhol (aliás nunca encontrado), um tradutor quase sempre competente, que poderia ser um confrade seu. Tenho dois motivos fortes para defendê-lo. Primeiro, parece-me fora de questão que um espanhol tivesse conseguido em meia dúzia de anos um tal domínio do português. Segundo, e espero que mais convincente ainda, é impensável que, tendo Granada atingido então tal domínio, nunca mais dele se tivesse aproveitado nos restantes 30 anos que viveu entre nós. Há uma terceira ponderação: não havia em Portugal qualquer tradição dessa prosa robusta e vibrátil, nem a haverá até surgirem Luís de Sousa, Rodrigues Lobo, Francisco Manuel de Melo, e sobretudo António Vieira.

O que pretendo sugerir é que os grandes prosadores do século XVII aprenderam essa arte em textos espanhóis. Nada de estranho. Rodrigues Lobo tinha um óptimo conhecimento do espanhol, o mesmo valendo para Vieira, e Melo era perfeito bilingue. Além disso, todos eles tiveram uma formação liceal jesuítica, em que os mestres da oratória espanhola, e Granada antes de todos, eram de estudo obrigatório. Durante todo o século de Quinhentos e o de Seiscentos, o espanhol foi, em Portugal, língua de cultura e de consumo diário. Nela se exprimiam e publicavam quase todos os escritores, dos maiores aos mais pequenos. O historiador e ensaísta João de Barros, um dos grandes clássicos quinhentistas portugueses, é nisto um caso interessantíssimo. Não se lhe conhecendo nenhum escrito em espanhol, a sua linguagem revela um contacto íntimo com esse idioma. As suas obras juvenis, como o célebre *Clarimundo*, contêm numerosas primeiras ocorrências no português de vocábulos e fraseologia coincidentes com produtos já com larga circulação em Castela. Em suma: João de Barros castelhanizava, e assim continuaria a fazer. Tudo isto vale para Luís de Camões, também ele excelente conhecedor, e utente, de espanhol. A historiografia tradicional dá-no-lo como grande 'renovador' do idioma, e ele foi-o, de facto, mas castelhanizando.

O português dos séculos XVI e XVII passou por uma profunda renovação lexical, indispensável para o seu funcionamento na agitação cultural que sacudia o mundo. Essa renovação poderia ter-se feito através do revigorar do acervo autóctone, de raiz galego-portuguesa. Os portugueses escolheram outro caminho. Aproveitaram a renovação que em Castela se fizera no século XV, produto duma intensa latinização e da exploração de virtualidades autóctones. Podemos lamentar essa opção dos meus antepassados. Pessoalmente, lamento-a, e teria preferido o caminho galego, garante de uma maior diferenciação face ao castelhano. Mas teria dado muito mais trabalho, e louvo os meus antepassados por essa visão económica. Para nossa felicidade, muito da velha cepa galego-portuguesa sobreviveu à voragem castelhanizante de Quinhentos e Seiscentos. Mas foi mais sorte que juízo.⁴

António Vieira, repito, dominava bem o espanhol. Conhecemos dele, nessa língua, a longa *Carta Apologética* e alguns divertidos poemas. Sabemos que acompanhou de perto algumas traduções de sermões seus para espanhol e supõe-se que ele próprio verteu para este idioma alguns que tinha pronunciado em italiano, em Roma. Conhecia, de resto, muito bem a oratória espanhola do seu tempo, e contra ela tomou posições duras. Na sua escrita, bem timbrada e 'moderna', confluíram numerosos castelhanismos de recente data, introduzidos no nosso idioma pelos jesuítas que o precederam, com destaque para Luís Fróis e João de Lucena. Mas ele próprio introduziu bastantes novos, e eles contam-se por dezenas. Verdade é, também, que certas novidades vieirianas não convenceram a posteridade. Estão entre elas *desechar*, *desvalijar*, *entapizado*, *entretenido*, *nombramento*, *ojeriza*, *viudez*. Só em autores brasileiros *ojeriza* sobreviveu. ⁵

⁴ Trato, com pormenor, toda esta problemática num livro que preparo, *Como o espanhol mudou o português*. O essencial da questão, tive oportunidade de expô-lo num simpósio em Santiago de Compostela, em 2010. Desculpe-se, pois, algum primarismo na presente exposição.

⁵ Três breves anotações. A primeira para lembrar que ainda não se digitalizou toda a obra de Vieira, e que os dados actuais são, portanto, provisórios. A segunda para sublinhar que algumas primeiras ocorrências de castelhanismos em Vieira podem ser 'falsas primeiras ocorrências'. Um melhor conhecimento de textos anteriores poderá vir a corrigi-las. Mas há pouca probabilidade de o serem em número significativo. A terceira anotação toca um ponto mais decisivo. O êxito das novidades lexicais e fraseológicas vieirianas procedentes do castelhano há-de dever-se, sim, a alguma qualidade intrínseca. Mas foi decisivo o papel dos lexicógrafos e tratadistas posteriores, que rapidamente as sancionaram, isto é, as transformaram em vernáculo, em português castiço. E lembre-se que a palavra *castiço*, um espanholismo, nos soa intensamente portuguesa.

Que tem tudo isto a ver com Saramago? Muito. Também na obra ficcional saramaguiana se operou uma integração de materiais espanhóis: lexicais, fraseológicos, morfológicos, e mesmo sintácticos. Essa integração acelerouse com *Ensaio sobre a Cegueira*, de 1995, mas já antes era observável. Que Saramago dominava o espanhol, pelo menos de modo passivo, é indiscutível desde a tradução de *El cuento polaco*, aparecida em 1977 como *Contos polacos*, volume de 394 páginas. Podemos supor, ainda, que a leitura de Cervantes se fez, pelo menos em parte, no original.

Este tema da tradução dá azo a uma anotação com interesse, no contexto. Sendo a quase totalidade das muitas traduções de José Saramago feita do francês, é curioso verificar como toda a escrita do autor se manterá imaculadamente imune a derivas galicistas. Isto é menos estranho do que poderia julgar-se. Com efeito, os portugueses desenvolveram, no decorrer dos séculos XIX e XX, uma apertada vigilância face ao galicismo, acompanhada de uma rejeição que tocou, não raro, a histeria. O castelhanismo nunca foi objecto de qualquer vigilância. Pelo contrário, foi sempre tolerado, e por vezes irmãmente acolhido. Recordo aqui a posição de António Feliciano de Castilho, grande ideólogo linguístico. Escrevia ele, em 1863: "Na leitura do castelhano, se hoje em dia a frequentássemos, como cumpria, bem fácil e bem agradavelmente pudéramos nós retemperar ainda hoje o bom falar vernáculo" (Castilho 1863: LXXXI).

Ignoro se Saramago se deu conta da crescente castelhanização do seu português. Alertei para ela publicamente em 1995, voltei a fazê-lo em 2001 e em 2006, e é difícil imaginar que tudo lhe tenha passado despercebido. Facto é que nada disso pareceu jamais impressioná-lo. Quanto mais reflicto sobre a questão, mais conta me dou de que ela extravasa o domínio da 'consciência' ou do 'querer'. A castelhanização progressiva da escrita ficcional saramaguiana tem, antes, de entender-se num contexto ideológico, favorecedor da integração política e cultural ibérica. No fundo, aquilo que já entusiasmara António Vieira. O programa vieiriano — fantasmagórico, mas não menos motivador — previa a criação de um português tão próximo

⁶ Para o Saramago tradutor do francês, *cf.* também Ferreira, neste volume.

quanto possível do castelhano, e por isso 'iberizável', uma condição para vir a ser, tal como o idioma de Castela, internacionalizado. A castelhanização do português, na pena de Vieira e na de Saramago, seria posta ao serviço de um sonho maior, a *iberização* do idioma.

V

Observemos alguns dados biográficos. Em 1986, logo após o aparecimento de *A Jangada de Pedra*, José Saramago conhece a jornalista sevilhana Pilar del Río. É já envolvido nesta relação que redige a *História do Cerco de Lisboa*, de 1989, e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de 1991. A mudança para a ilha de Lanzarote, nas Canárias, dá-se em 1993, e aí é produzido o *Ensaio sobre a Cegueira*, saído em 1995. É com este romance que, repita-se, entra em aceleração a transferência de materiais castelhanos para o nosso idioma.

Essa transferência inclui novidades absolutas, e em breve veremos algumas delas. Nisto, Saramago procede exactamente como os castelhanizantes de Quinhentos e Seiscentos. Mas uma parte importante da absorção saramaguiana do espanhol faz-se num sector em que os quinhentistas e seiscentistas pouco puderam mexer, por motivos óbvios: o da semântica, e mais exactamente o da distribuição relativa entre sinónimos. Darei um exemplo.

Em 1572, um português introduz no nosso idioma uma palavra nova: estupendo. É Camões, nos Lusíadas. Ao mesmo tempo, outro português, o jesuíta Luís Fróis, no longínquo Oriente, faz o mesmo, e possivelmente adiantando-se a Camões. Também de Fróis sabemos que estava em íntimo contacto com o espanhol e nele sabia redigir. A tradicional História da língua faz a seguinte apreciação: estupendo é um latinismo, o português estava a latinizar-se. Ora as coisas não são bem assim. Camões e Fróis usam em português esse vocábulo, não porque é latino, mas porque faz parte, como vocábulo castelhano, da enciclopédia bilingue de uma vasta comunidade portuguesa. Trata-se, pois, de uma falsa latinização. Foi esse, constatamos, o trajecto natural de centenas de 'latinismos' então introduzidos no idioma. Eram correntes em Castela, a elite literária portuguesa conhecia-os, utilizava-os quando se exprimia em espanhol, e era inevitável que eles aflorassem, um dia, no seu português. A transfusão de materiais entre idiomas é, sobretudo, obra de bilingues. Houve, decerto, uma latinização

portuguesa exclusiva. Mas ela é, sob vários pontos de vista, modesta, e, o que é mais, em caso nenhum ela aproveitou ao idioma vizinho. As nossas relações linguísticas foram, ao longo de toda a história, profundamente assimétricas.

Inicialmente, *estupendo* tinha o valor latino de 'assombroso', 'inaudito'. Em espanhol o valor foi derivando para 'admirável' e o vocábulo acabou por caracterizar tudo quanto é 'muito bom', acepção em que se tornou frequentíssimo, e mesmo a designação mais comum. Em português, a palavra adquiriu também o novo sentido espanhol, mas manteve uma baixa frequência, sendo ainda hoje de feição culta. Para algo 'muito bom', o português usa habitualmente *óptimo*, por sua vez pouco corrente em espanhol. Na prosa ficcional de Saramago, observamos o movimento seguinte:

Ocorrências de <i>óptimo</i> e <i>estupendo</i>			
Romance	óptimo	estupendo	
Manual de Pintura e Caligrafia	4	_	
Objecto Quase	2	_	
Memorial do Convento	1	_	
O Ano da Morte de Ricardo Reis	1	_	
História do Cerco de Lisboa	2	6	
O Evangelho segundo Jesus Cristo	1	1	
Ensaio sobre a Cegueira	1	2	
A Caverna	2	1	
O Homem Duplicado	1	3	
Ensaio sobre a Lucidez		4	
As Intermitências da Morte	_	6	
Total	15	23	

Há, assim, duas derivas paralelas: a decrescente de *óptimo*, rumo à inexistência, e a crescente de *estupendo*, vindo de uma inexistência. As estatísticas de Davies e Ferreira mostram a evidente predominância de *óptimo* na escrita portuguesa: 719 ocorrências no século XX, contra 96 de *estupendo*. Mas mesmo estes números são enganadores, visto reflectirem um acervo 'escrito'. Na produção total portuguesa, a desproporção entre *óptimo* e *estupendo* é incomparavelmente maior. Mais inesperado é, portanto, que uma novelística assumidamente 'oral', como a de Saramago, se encaminhe para o cenário exactamente inverso.

Continuemos no terreno da distribuição de sinónimos. Para um português, é patente a frequência, em espanhol, dos verbos *equivocarse* e *lograr*. São verbos correntíssimos, em contraste com a situação no nosso idioma, em que são 'cultos', e praticamente inexistentes na oralidade. O que se observa em Saramago é uma acentuada subida na frequência dos dois verbos. Isto significa que são crescentemente transferidos para um âmbito 'oral', numa convergência com os usos e frequências do espanhol:

Ocorrências de <i>equivocar</i> e <i>lograr</i>			
Romance	equivocar	lograr	
Manual de Pintura e Caligrafia	1	1	
Objecto Quase	_	_	
Levantado do Chão	_	_	
Memorial do Convento	_	_	
O Ano da Morte de Ricardo Reis	_	2	
Jangada de Pedra	1	_	
História do Cerco de Lisboa	2	4	
O Evangelho segundo Jesus Cristo	ı	2	
Ensaio sobre a Cegueira	1	2	
Todos os Nomes	3	6	
A Caverna	3	4	
O Homem Duplicado	4	4	
Ensaio sobre a Lucidez	2	8	
As Intermitências da Morte	6	3	
A Viagem do Elefante	2	6	
Caim	3	3	
Total	27	45	

Essa convergência com o espanhol é acompanhada pela sua contrapartida, também ela sistemática: o desbaste daquilo que diferencia os dois idiomas. Já vimos o que aconteceu com *óptimo*: dá-se um recuo, e por fim um desuso, de uma peculiaridade portuguesa. O desuso afectou, também, o advérbio *consoante* (conforme), inexistente em espanhol. É um exemplo, mas é particularmente eloquente, visto esse advérbio ter tido, nos primeiros romances de Saramago, uma utilização marcadamente elevada, quando comparada com os usos correntes portugueses:

Ocorrências de <i>consoante</i> (adv.)		
Romance	consoante (adv.)	
Manual de Pintura e Caligrafia	8	
Levantado do Chão	17	
Memorial do Convento	10	
O Ano da Morte de Ricardo Reis	8	
Jangada de Pedra	6	
História do Cerco de Lisboa	2	
O Evangelho segundo Jesus Cristo	5	
Ensaio sobre a Cegueira	4	
Todos os Nomes	2	
A Caverna	8	
O Homem Duplicado	2	
Ensaio sobre a Lucidez	2	
As Intermitências da Morte	1	
A Viagem do Elefante	1	
Caim	_	
Total	76	

Movimentos semelhantes se observam no terreno da fraseologia. Vejamos um exemplo. Quando um português acha que certa expectativa ou exigência exorbita do razoável, exclama *Era o que faltava!* O seu vizinho espanhol brada ¡No faltaría más!

Localizei as ocorrências, em Saramago, dessas exclamações quando 'puras', isoladas, deixando de lado, para melhor contraste, os casos em que elas se inscrevem num conjunto maior ("era o que faltava partir-se o pouco que temos", "era o que faltava morrerem estes", "era o que faltava se ias ofender a memória dos nossos avós"). O resultado da pesquisa foi este: a exclamação portuguesa, *Era o que faltava*, cede lugar à hispanizante, *Não faltaria mais*:

Ocorrências de Era o que faltava e Não faltaria mais			
Romance	Era o que faltava	Não faltaria mais	
Levantado do Chão	7		
Memorial do Convento	1		
O Ano da Morte de Ricardo Reis	1		
A Caverna	3	1	
O Homem Duplicado		1	
As Intermitências da Morte		1	
A Viagem do Elefante	1	1	
Caim		1	

Novo exemplo. Um espanhol que se viu, a contra-gosto, na obrigação de, digamos, pagar uma multa, dirá *No tuve más remedio que pagar*, ou, menos frequentemente, *No tuve otro remedio que pagar*. Um português na mesma situação dirá *Não tive outro remédio senão pagar*. Em Saramago, esta construção portuguesa (com *senão*) é uma raridade, enquanto o decalque das duas construções espanholas (com *que*) claramente domina. No quadro abaixo, indicam-se igualmente, à esquerda, as ocorrências em português e em espanhol nos dois últimos séculos, segundo os *corpora* de Davies & Ferreira:

Construção	Século XIX (Davies & Ferreira)	Século XX (Davies & Ferreira)	Saramago
Português			
outro remédio senão	13	28	7
mais remédio senão	1	1	0
outro remédio que	0	1	49
mais remédio que	0	1	21
Espanhol			
otro remedio sino	4	1	_
más remedio sino	4	0	_
otro remedio que	79	10	_
más remedio que	231	139	_

No âmbito da deriva semântica, há um exemplo extraordinário, que aqui me limito a assinalar, já que o seu tratamento exigiria uma observação demorada dos contextos. Trata-se do valor de *certo* numa sequência como *não é certo*. Ela equivale ao espanhol *no es seguro*, enquanto o espanhol *no es cierto* significa em português *não é verdade*. Ora bem, a partir de *Todos os nomes*, de 1997, o nosso autor usa *não é certo* com o valor de *no es cierto*. Para tornar o tema, se possível, mais aliciante, há ainda uma fase — correspondente aos romances *O Homem Duplicado* e *Ensaio sobre a Lucidez* — em que *não é certo* significa realmente *não é certo*, mas em que se diz sempre É possível, não é certo — como se a expressão portuguesa necessitasse de uma glosa para segurar-lhe o sentido. Depois, em *Caim*, o último romance, de 2009, *não é certo* volta a significar, erradamente, 'não é verdade'.

Alguns comentários intercalares. Um primeiro para acentuar esta progressiva confluência com o espanhol num autor que, pela temática ficcional, associaríamos a uma genuinidade portuguesa. É menos paradoxal do que poderia supor-se. Tradicionalmente, as aquisições ao espanhol, uma vez esquecida a fonte, foram sentidas como deveras genuínas, como pertencentes ao mais lídimo vernáculo português. Com efeito, sempre entre nós se observou uma capacidade para rapidamente assimilar o espanhol, para rapidamente o transmutar em vernáculo. É uma operação alquímica ou, mais châmente, uma 'digestão rápida'. Observou-se sempre, também, a ausência de mecanismos de vigilância e de rejeição, além do pronto esquecimento da origem dos materiais. Ouso pensar que, se fosse pedido a um hipotético linguista, no Portugal do ano de 1700, um comentário à patente castelhanização da escrita de Manuel Bernardes, então o nosso maior prosador vivo, esse linguista teria respondido: 'Não, trata-se de uma natural evolução do português'.

A recepção de José Saramago parece inscrever-se neste exacto contexto. Assim poderá explicar-se, nos inúmeros comentadores portugueses e brasileiros de Saramago, a ausência de qualquer alusão a esta deriva alienígena de um dos nossos maiores escritores. Há-de explicar-se, também, a nenhuma impressão que os meus vários alertas fizeram. É, autenticamente, como se, assinalando estes factos, eu me movesse numa realidade paralela, numa ficção científica de fabrico próprio. Essa cegueira, e essa objectiva negação, elas são um dado cultural de primeira ordem,

inscrito no quadro, bem mais vasto, da grande cegueira sobre a nossa castelhanização histórica, processo silenciado por portugueses e brasileiros, mas também por publicistas e investigadores estrangeiros que se ocuparam do léxico português. Estou a pensar particularmente em Paul Teyssier e em Dieter Messner, dois estudiosos a quem muito devemos. Só com mil cuidados abordam o assunto, como se receosos de ofenderem o brio nacional português.

Um segundo comentário. É conhecida a nossa tendência para uma concepção essencialista, a-histórica, do português, uma concepção que, de resto, sempre reinou em Espanha, também, no atinente à língua do Estado. Trata-se de simples ideologia nacionalista, muito atreita a mitos. E um dos mitos portugueses é a fundamental originalidade da língua portuguesa, directa e virginalmente saída do seio latino. Ao galego, raiz do português, não é reconhecido qualquer papel. O espanhol só o tem se anedótico, e portanto tranquilizador.

Um terceiro comentário, ainda. Sei que, quando trato destes assuntos, há sempre, no espírito do leitor, ou ouvinte, um fantasma que lhe segreda: "Está bem. O português absorveu muitos castelhanismos. Mas houve o movimento recíproco. O espanhol adoptou, também ele, palavras portuguesas". É, repito, um fantasma, embora benigno, já que apostado em devolver alguma justiça ao mundo. Só que a realidade é bastante mais cruel. Sim, o espanhol integrou, no decurso da História, materiais portugueses. Mas foram sempre poucos e estão, na maioria, marginalizados ou tecnicamente perdidos. Enquanto o português faz, hoje, uso corrente de largas centenas de vocábulos adoptados do idioma vizinho, o espanhol diário não conta mais que três vocábulos provenientes do extremo ocidente da Península: os verbos *despejar*, *afeitar* e *enfadar*. São habitualmente designados como 'lusismos', podendo também ser galeguismos. Mas repare-se. O português *despejar* significa hoje, quase só, 'verter um líquido'. O antigo valor de 'desimpedir' passou ao espanhol, onde *despejar* é 'aclarar', 'desanuviar'. Um espanhol diz *Hoy tenemos cielos despejados*, um português Hoje temos céu limpo (e um galego Hoxe temos ceo limpo). Quanto a afeitar, tornou-se em espanhol de uso diário, significando 'fazer a barba', enquanto em português já desapareceu há séculos e nunca significou isso. O caso de enfadar é mais intrincado ainda. Não só se deu uma divergência semântica

(em espanhol significa 'suscitar ira', em português 'suscitar tédio'), como houve ainda, ao longo dos séculos, um vaivém de derivados de *enfadar* entre os dois idiomas. Em suma: a presença do português no idioma vizinho é bastante módica (*cf.* Venâncio 2008a). Em feliz compensação, alguns lusismos entraram recentemente em espanhol, como *capoeira* e *caipirinha*, de procedência brasileira.

\mathbf{VI}

Observámos em Saramago exemplos de interferência lexical, semântica, morfológica, fraseológica. No campo da morfologia, pode sublinharse o progressivo desaparecimento do infinito pessoal, com crescente recurso ao subjuntivo, recurso para nós deselegante e monótono, mas em espanhol o único possível. Esta perda já se verificou no galego oral, por uma habituação ao espanhol circundante, e ameaça qualquer português ou brasileiro em tais circunstâncias. Eis alguns exemplos, respigados de *A Viagem do Elefante*, de 2008:

«Aconselho-te a *que não fales* lá fora desta conversação» (em vez de 'não falares');

«o que eu quero dizer é que *antes que* os porcos *tivessem* caído» (em vez de 'antes de... terem');

«o mais provável é *que instalem* o acampamento fora das muralhas» (em vez de 'instalarem');

«a possibilidade de *que nos apareçam* pela frente excepções» (em vez de 'nos aparecerem').

Mas — seríamos levados a pensar — restaria sempre um terreno incontaminado, impossível de subverter: o da sintaxe. Pois bem, também aí o espanhol entrou e fez das suas. Concentremo-nos num caso com algo de espectacular: o decalque do pronome neutro *lo* seguido de adjectivo (variável em género e número), ou de advérbio, mais o pronome *que*. Esta construção é gramaticalmente inaceitável em português. Como noutros casos, tudo começa em *Ensaio sobre a Cegueira*:

Romance	Ocorrência	
Ensaio sobre a Cegueira	o primeiro que fiz foi ir a todas as casas	
A Caverna	o primeiro que há que fazer é soltá-lo,	
	o único que nos sai da boca é a pergunta,	
O Homem Duplicado	o jovens que são	
	o maravilhoso que seria se me telefonasses	
Ensaio sobre a Lucidez	o estupendo que havia sido	
	o retorcido e maligno que é o espírito	
4. I.,	o malvados que são	
As Intermitências da Morte	o bem que o seu violoncelista tocou	
	o bonita que te vejo	
A Viagem do Elefante	pelo bem que soam juntas	
Caim	com o aborrecido que aquilo era	

Uma construção como *lo jóvenes que son* corresponde ao português 'como 'quanto são jovens', ou 'que jovens são', ou mesmo 'quão jovens são'. A construção *lo bien que suenan juntas* pode ser vertida por 'como soam bem juntas', ou ainda, com algum sabor antigo, 'quão bem soam juntas'. Mas sequências como *o jovens que são* ou *o bem que soam juntas* são impossíveis. Quem as produz demonstra que 'pensa em espanhol' ao escrever português.

Essa sensação de ouvir José Saramago pensando em espanhol vai-se acentuando a cada novo romance. Os decalques de construções espanholas vão-se, de livro para livro, acumulando. Tudo se passa como se ele, ao mesmo tempo que aprendia os mecanismos expressivos espanhóis, fosse *esquecendo* os moldes próprios, distintivos, da sua língua materna. Destacamos alguns em *Ensaio sobre a Lucidez*, de 2004, fornecendo o original de Saramago, a óbvia correspondência em espanhol e a forma portuguesa que podia esperar-se:

Decalques de construções espanholas			
Original de JS Espanhol		Português	
Chame-me ao telefone	Llámeme al teléfono	Ligue-me para o	
móvel,	móvil.	telemóvel.	
Já veremos como isto	Ya veremos como esto	Vamos ver como isto	
acabará,	acabará.	acaba.	
Em honra à verdade,	En honor a la verdad,	Para ser sincero,	
Não o creia,	No lo crea.	Está enganado.	
pelas boas ou pelas más	por las buenas o por las malas	a bem ou a mal	
se davam pressa em levar	se daban prisa en llevar	se apressavam a levar	
não seja que eu tenha de	no sea que yo tenga que	não aconteça eu ter	
vir	venir	de vir	
se mal não recordo	si mal no recuerdo	se bem me lembro	

Encerramos com a lista das novidades trazidas por *A Viagem do Elefante*, de 2008, o penúltimo romance de Saramago:

Espanholismos inexistentes em português: malviver, rezo, mandamais, ensilhar, cornamenta, sudoroso, desbandar, reempreender, causante, entramado, olvidadiço.

Espanholismos desusados em português: pago, olor, suspeitosamente, rompível, valeroso, chufa, gualdrapa, malgastar, arroio, rizar, prebendado, descomposição, alude, desembocadura.

Fraseologia espanhola: os de a pé, dar de corpo, em nada de tempo, seja como seja, ler de corrido, tomar cartas, sobre as doze do meio dia, em realidade, cada vez a pior, ao parecer, ir de companhia, em pago, dá o mesmo, em áustria [sic].

Semântica espanhola: enfadar, enfado, despejar, vizinhos, prosperar, valor, equipagem, assear, naipes, romper, moléstia, sucesso, propina.

Este hispanizante José Saramago é, no quadro português actual, um caso isolado, sendo já de si um caso extremo. Estas duas circunstâncias tornamno marginal, inofensivo. Mas isso não o despe de significado. Com efeito, aqui se repetem os vários mecanismos históricos da castelhanização

portuguesa: uma rápida assimilação, uma ausência de rejeição, uma desatenção do processo, uma assimetria brutal. Neste sentido, o caso saramaguiano vale como aviso à navegação. Os mecanismos históricos podem, a qualquer momento, ver-se revitalizados, pondo em marcha o que hoje julgaríamos impensável.

Ignoramos o que trariam, a Saramago, mais dez anos de vida feliz e, a nós, mais cinco romances seus. Mas a deriva que aqui se desenha permite supor que a convergência com o espanhol iria prosseguir sem fim à vista.

Para um historiador da língua, isto transporta-nos ao século XVII. O cenário era comparável. Mesmo nos melhores autores, prefigurava-se uma crescente confluência com o idioma de Castela, com abandono das peculiaridades autóctones. O português caminhava a passos largos para uma dialectização pelo espanhol. Pelos anos de 1690, Manuel Bernardes, o grande 'paladino do idioma' da história oficial, o continuador de Vieira (como este mesmo disse), prosseguia na transferência de materiais do espanhol, que, no dizer dele, "para nós é quase o mesmo idioma". Os autores que Bernardes aduz, às dezenas, são praticamente todos espanhóis. Atente-se bem: já se passara meio século desde a restauração política de 1640.

Vários factores, linguísticos e culturais, embargaram o avanço à desgraça. Entre eles, a morte da última geração bilingue, o 'culteranismo', que transformou o espanhol de idioma de prestígio em extravagância, e a descoberta do classicismo francês.

José Saramago foi um ficcionista de eleição, um dos prosadores de topo na literatura portuguesa (e possivelmente também mundial) de todos os tempos. Mas, linguisticamente, inscreve-se numa história que não é propriamente a do sucesso. Somos tentados a sugerir que o seu arraigado seiscentismo, esse que lhe penetrou até ao tutano, foi mais efectivo do que ele jamais suporia. Não contando já com essa estranhíssima tolerância que os portugueses desenvolveram face ao espanhol, o seiscentismo pode ter criado em José Saramago uma suplementar predisposição para abrir as portas ao idioma vizinho. Com alguma *blague*, diríamos que o jornalista António Vieira e a oradora Pilar del Río conspiraram para eficazmente o castelhanizar.

O significado último que dei a tudo isto — o de um idioma ibérico como utopia implícita — é, decerto, especulativo. Que se saiba, nunca Saramago associou os seus sonhos políticos ibéricos a uma convergência linguística com o espanhol, convergência em que decerto colaborou, mas provavelmente sem consciência disso.

Parece-me, contudo, haver uma conexão *objectiva* dos dois planos. Sabe-se que José Saramago não alimentava reservas mentais no referente à integração política de Portugal num conjunto peninsular. Ora, o cuidado de manter um distanciamento linguístico face ao espanhol seria já um tipo de reserva. Semelhante preocupação estava também, como vimos, ausente nos nossos seiscentistas.

O resultado dessa ausência de objecção mental está à vista: Saramago deixou-se ir, ele também, ao sabor do espanhol. Podemos, até, supor que, ao sentir — ao sentir *dentro* — o português cada vez mais próximo do idioma do Estado vizinho, ele visse mais realizado esse grande sonho ibérico, que era o seu.

Bibliografia activa de José Saramago e entrevistas

Saramago, José (1968). "Quem gosta deste mundo?", Seara Nova, Outubro, 338.

- (1971). Deste Mundo e do Outro. Lisboa: Caminho.
- (1973). A Bagagem do Viajante. Lisboa: Caminho.
- (1977). Manual de Pintura e Caligrafia. Lisboa: Caminho.
- [1978] (51999). Objecto Quase. Lisboa: Caminho.
- (1980). Levantado do Chão. Lisboa: Caminho.
- (1982). *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.
- [1983]. [Manuscrito] N45. *Espólio de José Saramago*. Lisboa: Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- [1984] (141998). O Ano da Morte de Ricardo Reis. Lisboa: Caminho.
- & Miguel Bayón (1985). "Fernando Pessoa: El poeta de las mil caras" [entrevista], Cambio 16731, 2.12.1985, 154.
- & Nicole Guardiola (1985). "José Saramago: 'La felicidad es posible'" [entrevista], El País [suplemento literário], 22.9.1985, 8.
- (1986). A Jangada de Pedra . Lisboa: Caminho.
- & Clara Ferreira Alves *et al.* (1986). "A facilidade de ser ibérico" [entrevista], *Expresso*, 8.11.1986, 36-39.
- & Inês Pedrosa (1986). "A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa" [entrevista], *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 10.11.1986, 24-26.
- & Henry Thorau (1987). "Der Name des Klosters" e "Wortlos ist die Liebe" [entrevista], in *Die Zeit* 5, 23.01.1987, 49.
- 1988. "O (meu) Iberismo", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 330, 31.10.1988, 32.
- (1989a). *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho.
- (1989b). "Sobre a invenção do presente", *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 347, 28.02.1989, 45; reeditado em "O tempo e a História", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 27.01.1999, 5.

- (1989c). "Acerca do (meu) Iberismo", Encontros: Revista Hispano Portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales 1, 29-31.
- [1989d] (2010). "Gosto do que este País fez por mim", in J. C. Vasconcelos 2010.
- & Francisco José Viegas (1989). [entrevista], Ler 6, 15-21.
- (1990). "História e ficção", Jornal de Letras, Artes e Ideias 400, 6.03.1990, 17-20.
- (1991). O Evangelho segundo Jesus Cristo. Lisboa: Caminho.
- & Maria João Avillez (1991). "Antevisão de *Blimunda*", *O Público*, 9.05.1991, disponível em http://static.publico.clix.pt/docs/cmf/autores/joseSaramago/antevisaoBlimunda.htm, último acesso: 8.11.2011.
- (1993). "La ilusión democrática", Revista de Occidente 148, 21-34.
- (1994). Cadernos de Lanzarote. Diário I. Lisboa: Caminho.
- & Clara Ferreira Alves (1994). [entrevista, vídeo], realização de João Mário Grilo, produção de Isabel Colaço, Lusomundo Audiovisuais.
- (1995a). Ensaio sobre a Cegueira. Lisboa: Caminho.
- (1995b). Cadernos de Lanzarote. Diário II. Lisboa: Caminho.
- (1996). Cadernos de Lanzarote. Diário III. Lisboa: Caminho.
- (1997a). Cadernos de Lanzarote. Diário IV. Lisboa: Caminho
- (1997b). "O autor como narrador", *Ler* 38, 36-41; reeditado em "O autor está no livro todo", *Ler* 93, 2010, 28-30.
- (1997c). "De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz", *O Público*, 8.12.1998, 4-7; reeditado em *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 736, 16.12.1998, 10-13.
- & Carlos Reis (1998). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho.
- (1999a). Discursos de Estocolmo. Lisboa: Caminho.
- (1999b). *O Conto da Ilha Desconhecida*. Ilustrações de Bartolomeu dos Santos. Lisboa: Caminho.
- (2000). A Caverna. Lisboa: Caminho.
- (2002). O Homem Duplicado. Lisboa: Caminho.
- (2002b). [Carta, lida no encerramento do II Fórum Social Mundial], *Revista Espaço Académico* I:10, disponível em http://www.espacoacademico.com. br/010rea.htm>, último acesso: 6.11.2013.
- (2003). "Todo son traducciones, todos somos traductores", conferência inaugural do IV Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación, Buenos Aires 1.-4.05.2003, disponível em http://www.traductores.org.ar/congresos.asp, último acesso: 2.04.2006.
- (2004). Ensaio sobre a Lucidez. Lisboa: Caminho.
- (2005a). As Intermitências da Morte. Lisboa: Caminho.
- (2005b). "O amanhã é a única utopia assegurada" [transcrição da entrevista para o programa *O Mundo do Fórum*, Fórum Social Mundial, Brasil, Janeiro de 2005], *La Insignia*, 25.01.2005, disponível em http://www.lainsignia.org/2005/enero/soc_010.html, último acesso: 27.10.2013.

- (2005c). [Intervenção de José Saramago na mesa redonda] "Quixotes hoje: utopia e política", Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 29.01.2005, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=yh2GDMzdMBE, ou em http://vimeo.com/16096519, último acesso: 27.10.2013.
- & José Carlos Vasconcelos (2005). "O tempo e a morte" [entrevista], *Visão*, 3.11.2005, 113-119.
- (2006). As Pequenas Memórias. Lisboa: Caminho.
- (2008). A Viagem do Elefante. Lisboa: Caminho.
- & João Céu e Silva (2008). *Uma Longa Viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora.
- (2009a). Caim. Lisboa: Caminho.
- (2009b). "Traduzir", *Outros Cadernos de Saramago*, *post* do 2.07.2009, Fundação José Saramago, http://caderno.josesaramago.org/49912.html, último acesso: 14.04.2011.
- (2009c). O Caderno Textos escritos para o blog. Setembro de 2008-Março de 2009. Lisboa: Caminho.
- (2009d). O Caderno 2 Textos escritos para o blog. Setembro de 2008-Novembro de 2009. Lisboa: Caminho.
- & Francisco José Viegas (2010). "Todos os nomes. Um dicionário de Saramago por ele próprio", *Ler* 93, 38-42.
- (2014). "A única utopia possível", *Blimunda* 20, 85-90, disponível em http://revistablimunda.files.wordpress.com/2014/01/blimunda_20_janeiro_14.pdf, último acesso: 12.02.2014.

Outra bibliografia citada

- Adorno, Theodor W. (1966). Negative Dialektik. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- & Max Horkheimer [1944] (1986). *Dialektik der Aufklärung*. Frankfurt / M.: Fischer.
- Alberto, Carlos [1940] (1981). "Realidade, objectivismo e literatura", in António Pedro Pita: "Estudos e Documentos do Neo-Realismo IV. Notas sobre *A Mocidade*, de Ponte de Sôr: 2. As noções de *Arte* e de *Artista*", *Vértice*, 440-441.
- Anderson, Benedict (2006). *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism.* London: Verso.
- Andrade, Oswald de (1990). A utopia antropofágica. São Paulo: Globo.
- [Anónimo] (1845). "Some curious facts concerning mesmerism", in *The Astrologer* and Oracle of Destiny. A Repository of the Wonderful in Nature and the Curious in Art 22, vol. I, 197.

- [Anónimo] (2010). "Bibliografia de José Saramago", *Expresso*, 18.06.2010, disponível em http://expresso.sapo.pt/bibliografia-de-jose-saramago=f588894, último acesso: 27.06.2012.
- [Anónimo] (2011). "Autarquias de 'A Viagem do Elefante' querem rota turística", Diário de Notícias Economia, Lusa — Agência de Notícias de Portugal, 7.07.2011, disponível em http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=1900349, último acesso: 20.02.2013.
- Armbruster, Claudius (1999). "Iberien und/oder Europa: iberische Identitätskonstruktionen in den Literaturen Spaniens und Portugals", in Sybille Große & Axel Schönberger (eds.): *Dulce et decorum est philologiam colere: Festschrift für Dietrich Briesemeister*, Berlin: Domus Editoria Europaea, 1485-1514.
- Arnaut, Ana Paula (1996). *Memorial do Convento, história, ficção e ideologia.* Coimbra: Fora do Texto.
- (2002a). Post-Modernismo no romance português contemporâneo. Fios de Ariadne, máscaras de Proteu. Coimbra: Almedina.
- (2002b). "Leituras da obra literária e ensino da literatura. Processos simbólicos em *Levantado do Chão*", in *Actas das II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*, Coimbra: Almedina, 209-221.
- (2006). "O outro lado da personagem: a (re)criação de Blimunda", in Carlos Reis (org.): *Figuras da Ficção*, Coimbra: CLP (FLUC), 39-53.
- (2007). José Saramago. Lisboa: Edições 70.
- (2009a). "Nas margens do tempo e do espaço: onde pa(i)ram as utopias", in Maria de Fátima Silva (coord.): *Utopias e distopias*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 223-234.
- (2009b). José Saramago. Lisboa: Edições 70.
- (2010a). "Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances fábula (As intermitências da morte, A viagem do elefante, Caim)", in Ana Beatriz Barel (ed.): Os nacionalismos na literatura do século XX: os indivíduos em face das nações, Coimbra: Minerva, 51-70.
- (2010b). "Post-Modernismo: O futuro do passado no romance português contemporâneo", *Via Atlântica* 17, 129-140, disponível em http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/50544/54660, último acesso: 7.11.2013.
- Arnaut, António [1996] (2009). *Introdução à Maçonaria*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Ashcroft, Bill (2009). "Beyond the Nation: Postcolonial Hope", *The Journal of the European Association of Studies on Australia* 1, 12-22.
- Astorga, Antonio (1995). "Saramago: «Los políticos no saben Historia»", *ABC*, 13.05.1995, 67, reeditado em Gómez Aguilera 2010.
- Aust, Stefan (1994). Der historische Roman. Stuttgart, Weimar: Metzler.

- Bach, Friedrich Christian (1810). *Grundzüge zu einer Pathologie der ansteckenden Krankheiten*. Halle & Berlin: Hall. Waisenhaus.
- Bachelard, Gaston (2000). *A Poética do Espaço*. Trad. de Antônio de Pádua Danese. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtine, Mikhail (1987) *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento (O Contexto de François Rabelais).* Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo & Brasília: Hucitec & Ed. Univ. de Brasília.
- Baltrusch, Burghard (1990). "José Saramago", in Kritisches Lexikon der romanischen Gegenwartsliteraturen, ed. por Wolf-Dieter Lange, vol. III, Tübingen: Gunter Narr, 1-22.
- (1997). Bewußtsein und Erzählungen der Moderne im Werk Fernando Pessoas. Frankfurt et al.: Peter Lang.
- (2001). "Literatur des postmodernen Bewußtseins Grundlagen einer postmodernen Literaturtheorie", in Orlando Grossegesse & Erwin Koller: Literaturtheorie am Ende 50 Jahre Wolfgang Kaysers Sprachliches Kunstwerk, Tübingen: Francke, 77-92.
- Batista, Abel Barros (1997). "O tubo de cola, Saramago e a ideia de autor", *Let* 43, 92-95.
- Baptista-Bastos (1996). *José Saramago. Aproximação a um retrato*. Lisboa: Dom Quixote.
- Barbas, Helena (2000). "Monstros: o Rinoceronte e o Elefante: Da Ficção dos Bestiários à Realidade Testemunhal", in Helmut Siepmann (ed.): Portugal, Indien und Deutschland: Akten der V. Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche (Köln 1998), Köln & Lisboa: ZPW, Universität zu Köln, 103-122, disponível em http://www.helenabarbas.net/papers/2000_Monstros_H_Barbas.pd, último acesso: 20.02.2013.
- Barbéris, Pierre (1991). Prélude à l'utopie. Paris: Presses Universitaires de France.
- Beauvoir, Simone de (1950). *Le Deuxième Sexe*, vol. II: *L'expérience vécue*. Paris: Gallimard.
- Benjamin, Walter [1923] (1972). "Die Aufgabe des Übersetzers", in *Gesammelte Schriften*, vol. IV.1, ed. por (em colaboração com Theodor W. Adorno e Gershom Scholem) Rolf Tiedemann & Hermann Schweppenhäuser, Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1991, 9-21.
- [1934] (1970). "The Author as Producer", *New Left Review* I.62, disponível em http://newleftreview.org/I/62/walter-benjamin-the-author-as-producer, último acesso: 06.07.2012.
- (2008) "A tarefa-renúncia do tradutor", trad. de Susana Kampff Lages, in Lucia Castello Branco (org.): *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras / Universidade de Minas Gerais, 66-81, disponível em http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/atarefadotradutor-site.pdf, último acesso: 2.06.2013.

- Bernecker, Walter (1991). Kriegin Spanien 1936-1939. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Berrini, Beatriz (1998). "Mulher, Mulheres", in *Ler Saramago: O Romance*, Lisboa: Caminho, 139-182.
- Bhabha, Homi K. (1994). The Location of Culture. London: Routledge.
- Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora bíblica 191995.
- Bloch, Ernst (1959) 1974. *Das Prinzip Hoffnung*. 3 vols. Frankfurt/Main: Suhrkamp.
- (1964). Geist der Utopie. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- (2005). *O Princípio Esperança*. 3 vols. Trad. de Nélio Schneider, Rio de Janeiro: Contraponto.
- Blom, Philipp & Wolfgang Kos (eds.) (2011). Angelo Soliman. Ein Afrikaner in Wien. Wien: Christian Brandstätter Verlag.
- Boorstin, Daniel J. (1987). *Os descobridores*. Trad. de Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa: Gradiva.
- Branco, Camilo Castelo (1993). "Mafra", in *Miscelânias III, Obras Completas*, Vol. XV. Porto: Lello & Irmão, 219-226.
- Branco, Célia (s.d.). *Utopia e distopia em A Jangada de Pedra de José Saramago*. Disponível em http://www2.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/Mestrado-TL/celia_branco_Jangada.pdf, último acesso: 4.03.2011.
- Brandão, Fernando de Castro (org.) 2008. *Salazar citações*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Burke, Peter (1991). "Geschichte als soziales Gedächtnis", in Aleida Assmann & Dietrich Harth (eds.): *Mnemosyne. Formen und Funktionen der kulturellen Erinnerung*, Frankfurt/M.: Fischer.
- Caetano, José A. Palma (2002). "Linhas Gerais das relações luso-austríacas", in Ludwig Scheidl & José A. Palma Caetano (eds.): *Relações entre Portugal e a Austría/Beziehungen zwischen Portugal und Österreich*, Lisboa: Assírio & Alvim, 25-34.
- Calafate, Pedro (2000). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol. I-V. Lisboa: Caminho.
- (2002). "A disciplina de «Filosofía em Portugal» e o seu ensino nas universidades portuguesas", *Revista de Hispanismo Filosófico* 7, 47-60.
- Camões, Luís de (1977). *Versos e Alguma Prosa de Camões*. Lisboa: Calouste Gulbenkian & Moraes Editores.
- Caragea, Mioara (2003). *A Leitura da História nos Romances de José Saramago*. București: Editura Universității diu București.
- Cardoso, Egidio (2011). "Serviços e serviçais", *Caçadores 3441*, disponível em http://angola3441.blogspot.com/2011/08/servicos-e-servicais.html, último acesso: 12.11.2012.
- Carroll, David (1984). "Rephrasing the Political with Kant and Lyotard: From Aesthetic to Political Judgments", *Diacritics* 14:3, 73-88.

- Carrilho, Maria (1976). Sociologia da Negritude. Lisboa: Edições 70.
- Carvalho, Paulo de (1985). "Os Meninos do Huambo" [canção], in *Desculpem Qualquer Coisinha*, Lisboa: Philips.
- Castilho, António Feliciano de (1863). «Conversação preambular», in Tomás Ribeiro: *D. Jaime*, Lisboa.
- Chaves, Castelo Branco (org.) (1984). O Portugal de D. João V, visto por três forasteiros. Trad., prefácio e notas de Castelo Branco Chaves. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Chevalier, Jean & Alain Gheerbrant (131992). *Dicionnaire des Symboles*. Paris: Éditions Robert Laffond et Éditions Júpiter.
- Coelho, Rogério Mendes (2006). "O testemunho da literatura hispano-americana colonial. A descoberta da quarta região do mundo ou a grande utopia", in Alfredo Corviola *et al.* (orgs.): *Fábulas da iminência. Ensaios sobre literatura e utopia*, Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPE, 247-260.
- Colombo, Cristóvão (1990a). *A descoberta da América. Diário de Bordo da 1ª viagem (1492-1493)*. Pref. de Luís Albuquerque, trad. de Ana Rabaça. Mem-Martins: Europa-América.
- (1990b). *A descoberta da América. Relações das quatro viagens (1493-504)*. Pref. de Luís Albuquerque, trad. de Ana Rabaça. Mem-Martins: Europa-América.
- Corbett, Thomas J. (2011). "Translation and Postcolonialism" [Entrevista de Robert J. C. Young], *Translorial Online edition*, http://translorial.com/2011/05/01/translation-and-postcolonialism, último acesso: 12.11.2012.
- Cordeiro, Ana Nunes (2008). "'A Viagem do Elefante' é uma metáfora da vida humana José Saramago" [entrevista para a RTP], 5.11.2008. Disponível em http://tv1.rtp.pt/noticias/?article=167772&visual=3&layout=10, último acesso: 20.02.2013.
- (2011). "Romance inacabado de Saramago sobre o comércio de armas sai em 2012", *Agência Lusa*, 16.06.2011, disponível em http://noticias.sapo.mz/lusa/artigo/12682332.html, último acesso: 12.09.2011.
- Cornell, Drucilla (1991). Beyond Accomodation: Ethical Feminism, Deconstruction and the Law. New York: Routledge.
- Costa, Horácio (1997). *José Saramago. O Período Formativo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Dambré, Denis (2003). "Les Politiques linguistiques en Afrique noire avant les Indépendences", *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación* 16, Novembro, http://pendientedemigracion.ucm.es/info/circulo/no16/calliope.htm, último acesso: 6.07.2012.
- Davies, Mark (s.d.). *Corpus del español*. Disponível em <www.corpusdelespanol. org/x.asp>, último acesso: 3.06.2013.
- Davies, Mark & Michael J. Ferreira (s.d.). *O corpus do português*. Disponível em www.corpusdoportugues.org/x.asp, último acesso: 3.06.2013.

- Delgado, Iva [1999] (2001). "A minha memória portuguesa da guerra civil de Espanha", in Miguel Rego (coord.): *A guerra civil de Espanha na raia portuguesa*, Barrancos: Câmara Municipal de Barrancos, 24-28.
- Denkel, Norbert (1980). "Soliman, der große Graue von Brixen", *Die Zeit* 13, 21.03.1980, 61, disponível em http://www.zeit.de/1980/13/solimann-der-grosse-graue-von-brixen, último acesso: 20.02.2013.
- Derrida, Jacques (1967). L'Écriture et la différence. Paris: Seuil.
- (1972). La Dissémination. Paris: Seuil.
- (1987). [entrevista com P. Engelmann], in Peter Engelmann, *Jacques Derridas Randgänge der Philosophie*, Wien: Passagen.
- (1996). *The Gift of Death*. Trad. de David Wills. Chicago: University of Chicago Press.
- Duby, Georges (31994). "O historiador, hoje", in Georges Duby *et al.* (orgs.): *História e nova história*, trad. de Carlos da Veiga Ferreira, Lisboa: Teorema, 7-21.
- Duby, Georges & Guy Lardreau (1980). Dialogues. Paris: Flammarion.
- (1982). Geschichte und Geschichtswissenschaft: Dialoge. Trad. de Wolfram Bayer. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- Durand, Gilbert (1997). As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arqueologia geral. Trad. de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes.
- Eco, Umberto [1962] (1973). *Das offene Kunstwerk*. Trad. de Günter Memmert. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- [1990] (1992). *Die Grenzen der Interpretation*. Trad. De Günter Memmert. München: Hanser.
- (2009). A Vertigem das Listas. Trad. de Virgílio Tenreiro Viseu. Lisboa: Difel.
- Edfeldt, Chatarina (2006). *Uma história na História. Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX*. Montijo: Câmara Municipal de Montijo.
- Engels, Friedrich [1880] (1973). "Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft", in Marx & Engels 1973, 19: 189-228.
- Ernst, Viktor (1899). *Briefwechsel des Herzogs Christoph von Wirtemberg. Bd. 1:* 1550-1552. Stuttgart: Kohlhammer.
- Estébanez Calderón, Demetrio (2006). *Diccionario de Términos Literários*. Madrid: Alianza Editorial.
- Estrada Vargas, Graciela (2011). "La noción de «trans-ibericidade» de Saramago. Una reflexión sobre las relaciones de Portugal y Mexico con España", *Anuario de Letras Modernas*, vol. 16, 157-163.
- Fanon, Franz [1954] (2008). "The Negro and Language", in *Black Skin, White Masks*, trad. de Charles Lam Markmann, London: Pluto Press.
- Ferreira, Ana Paula (2001). "Cruising Gender in the Eighties (from *Levantado do Chão* to *The History of the Siege of Lisbon*"), *Portuguese Literary & Cultural Studies* 6, 221-238.

- (2007). "As Mulheres de Saramago na 'Jangada' da Significação", in Paulo de Medeiros & José N. Ornelas (eds.): Da Possibilidade do Impossível: Leituras de Saramago, Utrecht: Portuguese Studies Center, 89-98.
- (2013). "Saramago's Invisible Postcolonial Intervention", PMLA 128.1, 119-126.
- —, Lídia Jorge & Margarida Cardoso (2011). "África: O Divã de Portugal", in Isabel Capeloa Gil & Adriana Martins (eds.): *A Cultura Portuguesa no Divã*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 207-228.
- Ferreira, Fernando Eduardo Rodrigues (1996). "Os barranquenhos e a memória da Guerra Civil", in *História*, XVIII:20, Maio, 40-51.
- Ferreira, Maria Luísa Ribeiro (2010). "A mulher como 'o outro' a filosofia e a identidade feminina", in Maria Manuel Araújo Jorge (coord.): *Porque nos interessa a filosofia*, Lisboa: Esfera do Caos, 73-92.
- Ferreira, Patrícia Isabel Martinho (2009). O elogio do barroco em 'Memorial do Convento'. Coimbra: Faculdade de Letras.
- Foucault, Michel (1966). Les mots et les choses. Paris: Gallimard.
- Freeman, Barbara Claire (1995). *The Feminine Sublime Gender and Excess in Women's Fiction*. Berkeley *et al.*: University of California Press.
- Freire, Maria da Graça (1959). A Terra Foi-lhe Negada. Lisboa: Portugália.
- Gago, André (2010). O Rio Homem. Lisboa: Asa Edições.
- Gandhi, Leela (1998). *Postcolonial Theory: A Critical Introduction*. New York: Columbia University Press.
- Galvão, Henrique (1933). O Velo d'Oiro: romance colonial. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- Garrett, João Baptista Leitão de Almeida (1966). *Obras de Almeida Garrett*. Vol. I. Porto: Lello & Irmão.
- Gervais-Zanninger, Marie-Annick (2001). La Description. Paris: Hachette.
- Giddens, Anthony (1991). *Modernity and self-identity in the late modern age*. Stanford: Stanford University Press.
- Giese, Ursula (1962). Wiener Menagerien: Ebersdorf, Neugebäude, Belvedere, Schönbrunn. Wien: Bergland Verlag.
- Gillis, John R. (1994). "Memory and identity: the history of a relationship", in John R. Gillis (ed.): *Commemorations: The Politics of National Identity*, Princeton: Princeton University Press, 3–24.
- Gómez Aguilera, Fernando (2008). *José Saramago: A consistência dos sonhos. Cronobiografia.* Trad. de António Gonçalves. Lisboa: Caminho.
- (2010). *José Saramago. Nas suas palavras*. Lisboa: Caminho. A versão publicada pela Companhia das Letras está disponível em http://baixelivros.org/tmp/bl2/As_palavras_de_Saramago_Jose_Saramago.pdf, último acesso: 02.06.2013.
- Gómez-Montero, Javier (ed.) (2001). *Minorisierte Literaturen und Identitätskonzepte* in Spanien und Portugal. Sprache Narrative Entwürfe Texte. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Linda-a-velha: Página Editora 1998.

- Grimm, Florian (2008). Reise in die Vergangenheit? Reise in die Phantasie?: Tendenzen des postmodernen Geschichtsromans. Frankfurt/M. et al.: Peter Lang.
- Grossegesse, Orlando [1999] (22009). Saramago lesen. Werk Leben Biographie. Berlin: edition tranvía.
- (org.) (2004). O estado do nosso futuro. Brasil e Portugal entre identidade e globalização. Berlin: edition tranvía.
- (2005). "Sobre a obra de José Saramago A consagração e o panorama da crítica de 1998 até 2004", *Iberoamericana* 18, 181-195.
- Guerra, João Paulo (1994). *Memória das Guerras Coloniais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gutkoski, Cris 2005. "Saramago defende não-utopia e Galeano polemiza", in *Socialismo e Utopia*, Instituto Zequinha Barreto, 11.02.2005, disponível em < http://zequinhabarreto.org.br/?p=30>, último acesso: 27.10.2013.
- Gyasi, Kwaku A (1999). "Writing as Translation: African Literature and the Challenges of Translation", *Research in African Literatures*, 30.2.1999, 75-87.
- Halbritter, Roland (2002). "'Hellafandt alhir' Der reisende Elefant Soliman. Vom lebenden Fürstengeschenk zum Kunstkammerobjekt", *Jahrbuch für Volkskunde*, N. F. 25, 189-199.
- Hallward, Peter (2003). Absolutely Postcolonial: Writing Between the Singular and the Specific. Manchester: Manchester University Press.
- Hamon, Philippe (1993). Du Descriptif. Paris: Hachette.
- Heiss, Helmut (2002). Der Weg des "Elephanten". Geschichte eines großen Gasthofs seit 1551. Bozen & Wien: Folio.
- Hendrich, Yvonne (2007). Valentim Fernandes Ein deutscher Buchdrucker in Portugal um die Wende vom 15. zum 16. Jahrhundert und sein Umkreis. Frankfurt/Main et al.: Peter Lang.
- Holanda, Sérgio Buarque (1959). Visão do Paraíso. Os motivos edénicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed.
- Honwana, Bernardo [1964] (21972). Nós matámos o cão tinhoso. Porto: Afrontamento.
- Hopfen, Otto Helmut (1895). Kaiser Maximilian II. und der Kompromisskatholizismus. München: Rieger.
- Horta, Maria Teresa (1985). O Falso Neutro. Um Estudo sobre a Discriminação no Ensino. Lisboa: Estúdios Cor.
- Hubert, Walter & Richard Kraft (1994). "Aufrecht stehendt, mit Stro ausgeschoppt'. Der erste Elefant in München", *Charivari. Die Zeitschrift für Kunst, Kultur und Leben in Bayern* 20: 12, 29-34.
- Huntington, Samuel P. (1993). "The clash of civilizations?", *Foreign affairs*, 22-49, disponível em http://www.svt.ntnu.no/iss/Indra.de.Soysa/POL2003H05/huntington_clash%20of%20civlizations.pdf, ultimo acesso: 10.10.2013.

- Hutcheon, Linda [1988] (2004). A poetics of postmodernism: History, theory, fiction. New York: Routledge.
- (2005). *The Politics of Postmodernism*. London and New York: Routledge.
- Immervoll, Gertrude (1989). *Der Elefant in der europäischen Volkskultur* [tese de graduação]. Graz: Universität Graz.
- Irigaray, Luce (1990). "Macht des Diskurses Unterordnung des Weiblichen", trad. de Hans-Joachim Metzger, in Karlheinz Barck *et al.*: Aisthesis Wahrnehmung heute oder Perspektiven einer anderen Ästhetik, Leipzig: Reclam.
- (1993). Sexes and Genealogies. Trad. de Gillian Gill. New York: Columbia University Press.
- Jameson, Fredric (2006). "A política da Utopia", in Emir Sader (org.): *Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review*, trad. de Beatriz Medina, São Paulo: Boitempo, 159-176.
- Joffily, Bernardo (2005). "Sancho Pança tem razão: «O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia». Comentários à margem de um debate no Fórum Social Mundial", *Princípios. Revista Teórica, Política e de Informação* 78, 34-41, disponível em http://grabois.org.br/portal/cdm/revista.int. php?id_sessao=50&id_publicacao=187&id_indice=1470>, último acesso: 27.10.2013.
- Koselleck, Reinhart (21990). "Ereignis und Struktur", in Reinhart Koselleck & Wolf-Dieter Stempel (eds.): *Geschichte Ereignis und Erzählung*. München: Fink, 560-571.
- Kristeva, Julia (1974). *Introdução à semanálise*. Trad. de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva.
- (1989). *Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art*. Ed. por Léon Roudiez. Trad. de Alice Jardine, Thomas Gora e Léon Roudiez. New York: Columbia University Press.
- Küchelbecker, Johann Basilius (1732). Allerneueste Nachricht vom römisch-kayserl. Hofe nebst einer ausführlichen historischen Beschreibung der kayserlichen Residentz-Stadt Wien und der umliegenen Oerter. Theils aus den Geschichten, theils aus eigener Erfahrung zusammen getragen und mit saubern Kupffern ans Licht gegeben. Andere Aufl., Von neuen übersehen und durchgängig vermehret und verbessert. Hannover: Johann Jacob Förster.
- Lacan, Jacques (1966). Écrits. Paris: Seuil.
- Lanciani, Giulia (1996). *José Saramago: il bagaglio dello scrittore*. Roma: Buizoni Editore.
- Lange, Wolf-Dieter & Eva-Maria Smolka 2000. 25 Jahre nachrevolutionäre Literatur in Portugal nationale Mythen und Identitätssuche. Bonn: Centre for European Integration Studies.
- Laranjeira, Pires (1995). A Negritude Africana de Língua Portuguesa. Porto: Afrontamento.

- Larrington, Carolyne (1992). *The Feminist Companion to Mythology*. London: Pandora Press.
- Lausberg, Heinrich (1980). *Manual de Retórica Literaria*. Trad. de José Pérez Riesco. 3 vols. Madrid: Gredos.
- Lopes, João Marques (2011). José Saramago. Biografia. Lisboa: Guerra e Paz.
- Lopes, Óscar (1986). Os sinais e os sentidos. Literatura portuguesa do século XX. Lisboa: Caminho.
- Lourenço, Eduardo [1978] ³1988. *O labirinto da saudade psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Dom Quixote.
- (1984). Nós e a Europa ou as duas razões. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Lyotard, François (1993). "The Interest of the Sublime", in *Of the Sublime: Presence in Question*, trad. e epílogo de Jeffrey S. Librett Albany, Albany: State University of New York Press, 109–32.
- Machado, José Pedro [1952] (41987). Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte.
- Madureira, Arnaldo (1982). "Factores Externos na Consolidação do Salazarismo nos Anos Trinta: Derrube da República em Espanha Advento do Hitlerismo na Alemanha", in António Pinto Costa: *O Fascismo em Portugal*, Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980, Lisboa: Regra do Jogo.
- Mannheim, Karl [1929] (51965). *Ideologie und Utopie*, Frankfurt/M.: Schulte-Bulmke.
- Marinho, Maria de Fátima (1999). O romance histórico em Portugal. Porto: Campo das Letras.
- Marques, A. H. de Oliveira [1972] ³1986. *História de Portugal*. 3 vols. Lisboa: Palas Editores.
- Martins, José Cândido de Oliveira (2008). "*Memorial do Convento* de José Saramago: intertexto, interdiscurso e paródia carnavalizadora", in: Flavia Corradin & Lilian Jacoto (orgs.): *Literatura Portuguesa: Ontem, Hoje*, São Paulo: Ed. Paulistana, 91-116.
- Martins, Lourdes (org.) (2005). Reler José Saramago, Paradigmas Ficcionais. Chamusca: Edições Cosmos.
- Marx, Karl & Friedrich Engels [1872] (1973). "Manifest der kommunistischen Partei", in Karl Marx & Friedrich Engels: *Werke*, vol. 18, Berlin: Karl Dietz Verlag, 459-493.
- Matos, Patrícia Ferraz de (2006). As Cores do Império: Representações Raciais no Império Colonial Português. Lisboa: Instituto Ciências Sociais.
- Merveilleux, Charles Frédéric de (1738). Mémoires instructifs pour un voyager dans les divers états de l'Europe. Amsterdam: Charles H. de Sauzet.
- Miranda, Miguel (2008). O Rei do Volfrâmio. Lisboa: Dom Quixote.
- Moi, Toril (1985). Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory. London, New York: Methuen.

- Molina, César Antonio (1990). Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa. Madrid: Akal.
- Monteiro, Cristiana Sofia dos Santos Pires (2006). O modo fantástico e A Jangada de Pedra de Jose Saramago. Porto: Ecopy.
- More, Thomas [1516] (2005). *Utopia*. San Diego: Icon. Webster's Thesaurus Edition.
- Mumford, Lewis [1922] (2007). *História das utopias*. Trad. de Isabel Donas Botto. Lisboa: Antígona.
- Namorado, Joaquim (1987). A Guerra Civil de Espanha na Poesia Portuguesa. Antologia. Coimbra: Centelha.
- N'Diaye, Catherine (1987). La Coquetterie ou la passion du détail. Paris: Éd. Autrement.
- Nóbrega, Manoel da (2004). *Cartas do Brasil e mais escritos*. Introd. e sel. de João Alves das Neves. Lisboa: Universitária Editora.
- Nunes, Ângela Maria Pereira (2003). Vergangenheitsbewältigung im interkulturellen Transfer. Zur Aufarbeitung europäischer Geschichte in José Saramagos O Ano da Morte de Ricardo Reis. Frankfurt/M.: Peter Lang.
- Nünning, Ansgar (1999). "'Beyond the great story'. Der postmoderne historische Roman als Medium revisionistischer Geschichsdarstellung, kultureller Erinnerung und metahistoriographischer Fiktion", *Anglia* 117, 15-48.
- Oettermann, Stephan (1982). Die Schaulust am Elefanten: eine Elephantographia curiosa. Frankfurt/Main: Syndikat.
- Oliveira, César (1986). "Jaime Cortesão e a Guerra de Espanha", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 21.-27.07.1986, 17-19.
- Opll, Ferdinand (2004). "... ein(e) vorhin in Wien nie gesehene Rarität von jedermann bewundert'. Zu Leben, Tod und Nachleben des ersten Wiener Elefanten", *Jahrbuch des Vereins für Geschichte der Stadt Wien* 60, 229-273.
- (2005). "Neue Erkenntnisse zum ersten Wiener Elefanten", Jahrbuch des Vereins für Geschichte der Stadt Wien 61, 337-341.
- Orth, Ernst Wolfgang (1988). "Operative Begriffe in Ernst Cassirers Philosophie der symbolischen Formen", in Hans-Jürg Braun et. al. (eds.): Über Ernst Cassirers Philosophie der symbolischen Formen, Frankfurt/M.: Suhrkamp, 45-75.
- Owens, Craig (1985). "Der Diskurs der Anderen. Feminismus und Postmoderne", in Valie Export & Silvia Eiblmayr (eds.): *Kunst mit Eigen-Sinn*, München & Wien: Löcker.
- Oyono, Ferdinand (1956). Une vie de boy. S.l.: Julliard.
- (1981). *Uma Vida de Boy*. Trad. de José Saramago. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pánek, Jaroslav (1990). "The expedition of the Czech noblemen to Italy within period 1551-1552. (A contribution to history of international relations in the field of culture, politics and finances in the 16th century)", *Historica: Les sciences historiques en Tchécoslovaquie* 30, 29-95.
- Passavant, Johann Carl (1837). *Untersuchungen über den Lebensmagnetismus und das Hellsehen*. Frankfurt: Heinrich Ludwig Börner.

- Perelman, Chaim & Olbrechts-Tyteca, Lucie (1989). *Tratado de la Argumentatión* (La Nueva Retórica). Madrid: Gredos.
- Perrone-Moisés, Leyla (1997). [Orelha da edição brasileira], in José Saramago: *Todos os nomes*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Pessoa, Fernando (1992). *Poemas de Ricardo Reis*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- (1994). *Poemas de Ricardo Reis*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pinto, António Costa (1992). O Salazarismo e o Fascismo Europeu. Lisboa: Estampa.
- (2001). O Fim do Império Português. A Cena Internacional, a Guerra Colonial e a Descolonização, 1961-1975. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pires, José Cardoso & Rodrigues da Silva (1997). "Lisboa Em Livro(s). Cidade, minha cúmplice" [entrevista], *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 19.11.1997, parcialmente disponível em http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/cardoso_pires/livro_bordo.html, último acesso 18.11.2013.
- Pires, Maria Lucília Gonçalvez (2008). "Francisco Manuel de Melo e António Vieira", *Românica* 17, 133-150.
- Platão (81996). *A República*. Introd., trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Portela, Artur (org.) (1991). Cardoso Pires por Cardoso Pires. Lisboa: Dom Quixote. 2004. História Fantástica de António Portugal. Lisboa: Dom Quixote.
- Prado, Frei João de S. José do (1751). Monumento Sacro da Fabrica e Soleníssima Sagração da Santa Basílica do Real Convento, que junto à Vila de Mafra Dedicou a N. Senhora e Santo António a Majestade Augusta do Máximo Rei D. João V. Lisboa: Na Oficina de Miguel Rodrigues.
- Praxedes, Walter. (2008). "Ao ler os romances de José Saramago", *Revista Espaço Acadêmico* 81, disponível em http://www.espacoacademico.com. br/081/81praxedes.htm>, último acesso: 10.11.2013.
- Prevedo, Elvira S. (1984). "O Romance de Intervenção nas Literaturas Portuguesa e Galega Actuais" a propósito de *Memorial do Convento*, de José Saramago", *Vértice*, Julho/Agosto.
- Pryce, William (1778). *Minerologia Cornubiensis: A Treatise on Minerals, Mines and Mining*. London: Phillips.
- Quental, Antero de (1865). "Bom-Senso e Bom-Gosto. Carta ao excellentissimo senhor Antonio Feliciano de Castilho por Anthero de Quental", parcialmente disponível em http://pt.scribd.com/doc/4868240/Portugues-Suplemento-de-Apoio-do-Professor-Manual-2, último acesso: 02.06.2013.
- Ramos, Rui et al. (2009). História de Portugal. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Real, Miguel (1995). Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em Memorial do Convento. Lisboa: Caminho.
- (1998). Portugal ser e representação. Miraflores: Difel.
- (2011). O Pensamento Português Contemporâneo (1890-2010). O Labirinto da Razão e a Fome de Deus. Lisboa: Instituto Nacional Casa da Moeda.

- Rebelo, Luís de Sousa (1983). "Os rumos da ficção de José Saramago", in José Saramago: *Manual de Pintura e Caligrafia*, Lisboa: Caminho.
- (1986). "A Jangada de Pedra ou os possíveis da história", in Saramago ²1986: 331-349.
- Reitor, Mónica (1999). "Blimunda, a mulher cheia de vontade de José Saramago", in *Mulher Objeto e Sujeito da Literatura Portuguesa*, Porto: Editora da Universidade Fernando Pessoa, 185-190.
- Reis, Valéria (2005). "FSM: Saramago arranca aplausos de milhares de pessoas", Rede Global Info – Gi Notícias, 29.01.2005, disponível em http://www2.glb.com.br/manchetes/noticias.asp?987030>, último acesso: 3.10.2013.
- Reitterer, Hubert (2005). "INCVRIA RECTORIS'. Zum Tod des ersten Wiener Elefanten", Jahrbuch des Vereins für Geschichte der Stadt Wien 61, 333-335.
- Reuter, Edward Byron (1918). *The Mulatto in the United States including a study of The Role of Mixed-Blood Races Throughout the World.* Boston: The Gorham Press.
- Ribeiro, Raquel (2012). "Imaginary Atlantic Islands: José Saramago's Iberian Utopia and Maria Gabriela Llansol's European 'Communities'", *Bulletin of Hispanic Studies* 89: 7: 769-786.
- Rocha, Clara 1986. "Guerra Civil de Espanha (1936-1939) A influência na literatura portuguesa", *Diário de Notícias* [suplemento *Cultura*], 6.07.1986, XVIII-XIX.
- Rocha, Iraci Simões da (2009). "Utopia e Práxis: esperança e ação em Saramago e Pepetela", *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras* 3:1, 5-15.
- Rodrigues, Jorge Nascimento & Tessaleno Devezas (2008). Salomão: o elefante diplomata. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.
- Rosas, Fernando (1986). O Estado Novo nos Anos Trinta. 1926-1938. Lisboa: Editorial Estampa.
- Santiago, Adriana (2005). "Saramago, Galeano, Ramonet e Zaragoza falam sobre utopias e quixotes", *Adital. Notícias da América Latina e Caribe*, 29.01.2005, disponível em http://www.adital.com.br/?n=q45, último acesso: 27.10.2013.
- Santos, Boaventura de Sousa (1997). *Pela Mão de Alice o Social e o Político na Pós-Modernidade*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Santos, Jorge (1998). "Traduções feitas por Saramago". *AP Aprender Português*, 15.12.2011, http://www.oocities.org/fernandoflores.geo/tsaramag.htm, último acesso: 5.01.2012.
- Santos, José Rodrigues dos (2008). A Vida num Sopro. Lisboa: Gradiva.
- Santos, Maria Isabel Nunes de (1996). *A Guerra Civil de Espanha na literatura portuguesa*. [Tese de mestrado]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Saraiva, António José [1963] (1993). Ser ou não ser arte estudos e ensaios de metaliteratura, Lisboa: Gradiva.
- [1981] ²1996. A Cultura em Portugal Teoria e História. 2 vols. Lisboa: Gradiva.
- (1996). O discurso engenhoso. Ensaios sobre Vieira. Lisboa: Gradiva.

- Schönherr, David (1867). Tirolische Geschichtsquellen. Bd. 1: Franz Schweyger's Chronik der Stadt Hall 1303-1572. Innsbruck: Wagner.
- Schultz, Irmgard (1992). "Madonna das ewige und das wirkliche Idol", in: Farideh Akashe-Böhme: *Reflexionen vor dem Spiegel*, Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- Seixo, Maria Alzira (1986). A Palavra do Romance: ensaios de genologia e análise. Lisboa: Livros Horizonte.
- (1999). Lugares da Ficção em José Saramago. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- (2006). "The Edge of Darkness, or Why Saramago Never Wrote about the Colonial War in Africa", *Portuguese Literary and Cultural Studies* 6, 205-19.
- Seminara, Graziella (1999). "The Literary Works of Saramago in the Musical Theatre of Azio Corghi", *Colóquio/Letras* 151/152, 163-179.
- Senghor, Léopold Cédar (1975). *Lusitanidade e Negritude*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Silva, Agostinho da (1994). "Portugal ou Cinco Idades", in *Ir à Índia sem Abandonar Portugal*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1988). Dispersos. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Silva, Ana Cristina (2011). Cartas Vermelhas. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Silva, Marisa Corrêa (2002). "José Saramago: o iberismo como utopia", *Acta Scientiarum Maringá* 24.1, 67-70.
- Silva, Teresa Cristina Cerdeira da (1989). *José Saramago: entre a história e a ficção: uma saga de portugueses.* Lisboa: Dom Quixote.
- Silveira, Jorge Fernandes da (1988). "Os portugueses", Folhetim 585, [suplemento cultural da] Folha de S. Paulo, 22.04.1988, 2-5.
- Simon, Sherry (1997). "Translation, Postcolonialism e Cultural Studies", *Meta: Journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* 42.2, 462-77, disponível em http://www.erudit.org/revue/meta/1997/v42/n2/index.html, último acesso: 6.07.2012.
- Spitzer, Leo (1955). *Lingüística e Historia Literaria*. Trad. de José Perez Riesgo. Madrid: Gredos.
- Stagno, Laura (2004). "L'hospitaggio a Genova di Massimiliano re di Boemia e di altri Asburgo della linea imperiale", in Piero Boccardo & Clario Di Fabio (cur.): *Genova e l'Europa continentale: opere, artisti, committenti, collezionisti; Austria, Germania, Svizzera*, Milano: Cinisello Balsamo, 116-133.
- Tarasti, Eero (2009). "Semiotics of resistance: Being, memory, history the counter-current of signs", *Semiotica* 173/174, 41-71.
- Tavares, Miguel Sousa (2007). Rio das Flores. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Thébaud, Françoise (1998). Écrire l'histoire des femmes, Paris: Ens.
- Torga, Miguel (52011). Diário. Vol. XIII-XVI. Lisboa: Dom Quixote.
- Torgal, Luís Reis (1989). História e Ideologia. Coimbra: Livraria Minerva.
- (2009). Estados Novos. Estado Novo. Ensaios de História Política e Cultural, vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Turchi, Maria Zaira (2003). *Literatura e Antropologia do Imaginário*. Brasília: Universidade de Brasília-UNB.
- Turk, Horst (1994). "Operative Semantiken. Zum Problem kultureller Identität im Anschluß an Ernst Cassirer", *Internationale Zeitschrift für Philosophie* 2, 239-254.
- (1995). «Prise de position oder habit-taking? Zum Kulturbegriff Ernst Cassirers im Gegenlicht praxeologischer Debatten», in Enno Rudolph & Bernad-Olaf Kiippers (eds.): *Kulturkritik nach Ernst Cassirer*, Hamburg: Felix Meiner, 13-36.
- Urrutia, Jorge (2001). "José Saramago. Notoriedad del iberismo. España descubre Portugal", *Leer* 125, 26-30.
- Vacha, Brigitte (21993). Die Habsburger: eine europäische Familiengeschichte. Graz et al.: Verl. Styria.
- Vale, Francisco (1984). "Neste livro nada é verdade e nada é mentira. Entrevista a José Saramago", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 30.10.-05.11.1984, 2-3.
- Vasconcelos, José (1997). *The Cosmic Race / La raza cósmica*. Trad. Didier Jaén. Baltimore: The Johns Hopkins UP.
- Vasconcelos, José Carlos (2010). Conversas com Saramago. Os livros, a escrita, a política, o país, a vida. Lisboa: Jornal de Letras.
- Vaz, Nuno Mira (1997). *Opiniões Públicas Durante as Guerras de África. 1961/74*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Venâncio, Fernando (2000a). "Memorial do Convento: um ano de crítica", in José Saramago: a luz e o sombreado, Porto: Campo das Letras.
- (2000b). José Saramago. A luz e o sombreado. Porto: Campo das Letras.
- (2002). Objectos achados. Ensaios literários. Porto: Caixotim.
- (2008a). «Lusismos e galeguismos em espanhol. Uma revisão dos dados», *Phrasis* 49, 109-122.
- (2008b). Último minuete em Lisboa. Lisboa: Assírio & Alvim
- (2012). «O espanhol proveitoso. Sobre deverbais regressivos em português», Santa Barbara Portuguese Studies XI, 6-41.
- Venuti, Lawrence (1995). *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London & New York: Routledge.
- (1998). *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. London & New York: Routledge.
- (ed.) (2000). "Translation, Community, Utopia", in *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 468-498.
- Vidal-Noguet, Pierre (1988). "Atlantis und die Nation zur Karriere einer Fiktion und Ideologie", in *Lettre International* 3, 72-76.
- Villardi, Raquel (1992). "Trindade feminina em Saramago", XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 658-661.

- Vitória, Ana (2008). "Entrevista a José Saramago: 'Voltei com naturalidade à escrita'", *Jornal de Notícias*, 5.11.2008, disponível em http://www.jn.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content_id=1038732, último acesso: 20.02.2013.
- Waugh, Patricia (1996). *Metafiction. The theory and practice of self-conscious fiction.*London: Routledge.
- Welsch, Wolfgang (ed.) (1988). *Wege aus der Moderne. Schlüsseltexte der Postmoderne-Diskussion*. Weinheim: Acta Humaniora.
- (1996). Vernunft. Die zeitgenössische Vernunftkritik und das Konzept der transversalen Vernunft. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- White, Hayden [1978] (31987). Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism. Baltimore & London: The John Hopkins University Press.
- (1986). Auch Klio dichtet oder die Fiktion des Faktischen. Studien zur Tropologie des historischen Diskurses. Trad. de Brigitte Brinkmann-Siepmann & Thomas Siepmann. Stuttgart: Klett-Cotta.
- (2008). Metahistory. Die historische Einbildungskraft im 19. Jahrhundert in Europa. Trad. de Peter Kohlhaas. Frankfurt/M.: Fischer.
- Woolf, Virginia (1992). "Men and Woman", in *A Woman's Essays*, London: Penguin, 18-20.
- Young, Robert J. C. (2003). *Postcolonialism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Yourcenar, Marguerite & Matthieu Galey (1980). Les yeux ouverts, Les Interviews. Vol. 3. Paris: Gallimard.
- Zylinska, Joanna (1998). "The Feminine Sublime between Aesthetics and Ethics", Women A Cultural Review 1, 97-105.
- 2001. "Sublime Speculations: The Economy of the Gift in Feminist Ethics", *J-Spot Jornal of Social and Political Thought*, vol. 1, 3, 1-21, disponível em http://www.yorku.ca/jspot/3/jzylinska.htm, último acesso: 3.12.2009.